

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
TAMIRIS PORTO DA CUNHA

**A SÉRIE DE ANIMAÇÃO STEVEN UNIVERSO E AS POSSIBILIDADES DE
DISCUSSÃO SOBRE GÊNEROS E SEXUALIDADES**

Florianópolis
2018

TAMIRIS PORTO DA CUNHA

**A SÉRIE DE ANIMAÇÃO STEVEN UNIVERSO E AS POSSIBILIDADES DE
DISCUSSÃO SOBRE GÊNEROS E SEXUALIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Biológicas (BIO7016) da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas, sob orientação de Simone dos Santos Ribeiro e co-orientação de Mychelle Carneiro Santana.

Florianópolis

2018

TAMIRIS PORTO DA CUNHA

**A SÉRIE DE ANIMAÇÃO STEVEN UNIVERSO E AS POSSIBILIDADES DE
DISCUSSÃO SOBRE GÊNEROS E SEXUALIDADES**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do Título de “Bacharelado em Ciências Biológicas”, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, 06 de Dezembro de 2018.

Banca Examinadora

Prof.^a Simone dos Santos Ribeiro
Orientadora

Prof.^a Mychelle Carneiro Santana
Co-orientadora

Prof.^a Ti Ochoa

Prof. Yonier Alexander Orozco Marín

RESUMO

Levando-se em consideração como o determinismo biológico explica de maneira reducionista as origens de sexualidades não-heterossexuais, tenta pautar as diferenças cognitivas e comportamentais quase ausentes entre mulheres e homens, assim como impõe um sistema binário de gênero, este trabalho traz alguns exemplos de como a mídia pode trazer influências positivas para a quebra de preconceitos e desenvolvimento das identidades. Durante a pesquisa, exploramos as imagens televisivas, e o seu potencial informativo e de representatividade, como uma ferramenta na desconstrução de preconceitos sexuais e de gênero, sendo fonte simbólica e de informação para aqueles que pertencem ou não aos grupos representados. Em uma análise de conteúdo da série de animação *Steven Universo*, foram averiguados elementos da narrativa que se qualificam como representatividade positiva, sendo os mais notáveis a presença de personagens homossexuais, mulheres em papéis contra-estereotípicos, modelos de famílias não-tradicionais e resistências às normas sociais de masculinidade. O objetivo da investigação desses elementos foi explicar como cada um deles pode influenciar nas posições e nos ideais dos seus espectadores, e que tipo de aprendizado eles podem tirar da série, concluindo que a presença deles se mostra benéfica para a auto-estima das minorias representadas, e para a diminuição dos efeitos prejudiciais que estereótipos negativos podem ter na sociedade.

Palavras-chave: desenhos animados, gênero, sexualidade

ABSTRACT

Taking into account how biological determinism explain in a reductionist way the origins of non-straight sexualities, try to draw the almost absent cognitive and behavioral differences between women and men, as well as impose a binary gender system, this essay brings some examples of how media might influence the breaking of bias and identity development. During the research, we explore televisive images, and all the teaching potential, as an instrument in deconstruction of sexual and gender bias, being a source of information for those who belong or not to the portrayed groups. In a content analysis of the animated show Steven Universe, it was searched for narrative elements that qualify as positive portrayal, the more notable of them being homosexual characters, women in counter-stereotypical roles, non-traditional family models and resistance to norms of masculinity. The purpose of the elements investigation was to explain how each one of them might influence in the positions and ideals of its viewers, and what kind of learning they can take from the show, concluding that the presence of them is beneficial for minorities' self-esteem, and for the decrease of harmful effects that negative stereotypes might have in society.

Keywords: Animated cartoons, gender, sexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Connie aprendendo movimentos de luta com um holograma de Pérola.	32
Figura 2: Personagens da série DC Super Hero Girls.	33
Figura 3: Representação de tipos variados de corpo em Steven Universo. Da esquerda para a direita: Garnet, Pérola, Ametista e Rose Quartz.	34
Figura 4: Steven lavando roupa.	38
Figura 5: Família de melancias se despedindo antes de a mãe sair para a batalha.	40
Figura 6: Steven vestindo as roupas de sua amiga durante um número musical.	42
Figura 7: Stevonnie na Lua Selva.	43
Figura 8: Rubi (vermelha) beijando Safira (azul) após as duas fazerem as pazes.	49
Figura 9: Rubi (esquerda) pedindo Safira (direita) em casamento.	51
Figura 10: A) Rubi (esquerda) e Safira (direita) vestindo roupas estereotipicamente contrárias às que geralmente usam. B) Cena em que as duas se beijam ao final da cerimônia.	52
Figura 11: Cena da dança entre Pérola (esquerda) e Rose (direita).	54
Figura 12: Bolo de casamento com noivinhos de topo formando casais heterossexuais e homossexuais.	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. OBJETIVO E JUSTIFICATIVA	15
1.1.1. Determinismo biológico e Sexo/Gênero	17
1.1.2. Determinismo biológico e Homossexualidade	20
2. DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	26
2.1. SINOPSE	26
2.2. PERSONAGENS PRINCIPAIS	26
2.3. CONSIDERAÇÕES PARA O ESTUDO	27
3. ANÁLISE DA SÉRIE	29
3.1. TRANSGRESSÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO	29
3.1.1. Super-Heroínas	29
3.1.2. Masculinidade	35
3.1.3. Outras Transgressões e Não-Binariedade	39
3.2. SEXUALIDADE	44
3.2.1. Homossexualidade	44
3.2.2. Preconceito	59
3.3. ASSÉDIO	62
3.4. FAMÍLIA	67
4. CONCLUSÃO	70
5. REFERÊNCIAS	76
Anexo 1 - Lista de Episódios Utilizados Durante o Estudo Separados por Categoria.	85

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo onde é impossível crescer sem a influência dos meios de comunicação. Dificilmente conhecemos alguém que não possua um aparelho de televisão em casa. E de fato, dados do IBGE de 2015 mostraram que 97,1% dos domicílios brasileiros possuem pelo menos uma televisão. É através dela que temos acesso a filmes, novelas, esportes, *reality shows*, desenhos animados e programas de variedades. Existe uma gama de diferentes conteúdos para os mais diversos gostos e faixas etárias. A maioria desses conteúdos, no entanto, pode ser acessado pela internet, de graça ou por serviços de *streaming*¹, o que garante vantagens ao usuário pela praticidade de poder assistir a qualquer hora do dia em computadores, *tablets* e celulares. No Brasil, o acesso a internet vem crescendo rapidamente, em 2015 o número de domicílios com internet já passava dos 57% (IBGE, 2015). Além disso, a conexão entre esses dois gigantes da comunicação já vem sendo feita, uma vez que muitos canais de TV por assinatura disponibilizam seus materiais online em sites e aplicativos para seus clientes. Assim, o conteúdo que antes era limitado a uma determinada plataforma ganha outros formatos e atinge novos públicos.

Não podemos negar a importância dos conteúdos televisivos na vida das pessoas, independente dos dispositivos que são utilizados para acessá-los. Esse acesso começa desde muito cedo, principalmente quando se trata da televisão, já que ela é o meio de comunicação mais acessível, requer habilidades mínimas para ser compreendida e é visualmente interessante para o público mais jovem (SIGNORIELLI, 1990). É com base nessa popularidade que essa mídia tem sido alvo de diversos estudos nas últimas décadas, com a intenção de investigar o que as crianças andam assistindo e o que aprendem com todo esse conteúdo. Muitos desses estudos expressam a preocupação em como personagens femininas são representadas na mídia de massa. Outros buscam saber se personagens LGBT+²

¹ Distribuição digital de mídia através da *internet* onde não é feita uma cópia do arquivo.

² Acrônimo para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, e Transgêneros, assim como outros grupos incluídos pelo sinal de positivo (+), como pansexuais, assexuais, não-binárias, etc.

em programas *mainstream*³ ajudam a aumentar a tolerância em favor desse grupo. Ou ainda, há os que busquem descobrir se personagens negros estão sendo mostrados de forma estereotipada ou não, e qual impacto que isso traz, tanto para a auto-estima do público representado quanto para a reprodução ou combate aos racismo e preconceito.

A presença de minorias sociais na mídia dominante não é tão comum assim. Na televisão, o modelo cis/heteronormativo é tão presente quanto na sociedade em que vivemos (CHAMBERS, 2009). Segundo Chambers (2009), heteronormatividade é a expectativa da heterossexualidade como a norma na cultura, na sociedade e na política, o que não significa que todas as pessoas devem ser heterossexuais, mas que todas serão julgadas partindo dessa perspectiva. Nos meios de comunicação e de difusão de cultura, é central a imagem do homem branco, cisgênero e heterossexual, o que ajuda a disseminar essa figura como norma, e pouco contribui para a representação de minorias. No que diz respeito a gênero, homens aparecem duas vezes mais do que mulheres, e no geral, seus personagens são mais independentes do que os delas, que são representadas como sendo emotivas e sentimentais (MARTINS; HARRISON, 2011). Os impactos de se abordar certos grupos de maneira tão estereotípica e quase invisibilizada já vem sendo muito debatidos dentro e fora do meio acadêmico. É comum vermos discussões, principalmente na internet, onde o público exige mais representação de minorias por parte dos criadores dessas mídias.

Até que ponto a falta de representatividade dessas minorias afeta socialmente a população alvo desses programas? Caldwell (2014) afirma que o fácil acesso a filmes e programas de televisão proporcionados pelo crescimento tecnológico atual permite que jovens telespectadores tenham maior contato com esse tipo de mídia, o que aumenta significativamente seu potencial de moldar as perspectivas sociais das crianças. Se levarmos isso em consideração, podemos ver a necessidade de se ter representações positivas de minorias, algo que vá além da figura do homem branco, cisgênero e heterossexual. A ausência desses grupos na mídia ilude para a ausência deles também na sociedade e minimiza sua importância. O contrário, assim, também é válido. O aumento da representação positiva de minorias raciais, sexuais ou de mulheres em carreiras “não-

³ Em tradução literal do inglês significa “corrente principal” e refere-se aquilo que é dominante, comum.

tradicionalmente femininas” em filmes e programas de TV, ajuda a aumentar também a tolerância social para esse grupos, pois oferece um modelo humanizado que o público pode usar como base em suas atitudes (GARRETSON, 2015). Porém, para que essa representatividade seja efetiva nesse sentido, é preciso que haja um certo grau de identificação entre personagem e espectador, é preciso que exista uma Interação Parassocial, como sugere Garretson (2015). Interação Parassocial (IPS) é um relacionamento unilateral descrito por Horton e Wohl em 1956, onde a audiência cria vínculos com os executantes dentro de sua plataforma de entretenimento, seja um ator em uma peça de teatro, um músico em um concerto ou um apresentador em um programa de televisão. As IPS podem acontecer em diversas intensidades, algumas são mais acentuadas, onde a pessoa substitui a participação social autônoma por esse tipo de relação, e outras são menos excessivas, onde são apenas complementares a vida social normal (HORTON; WOHL, 1956). Todas elas exigem que o espectador se conecte com o personagem/figura pública, para que assim crie a empatia necessária para desenvolver atitudes tolerantes em relação a minorias sociais.

Para que isso funcione de forma adequada, não é necessário apenas a presença das minorias em filmes e programas de televisão, afinal, segundo Garretson (2015), a representatividade negativa desempenha um papel mais prejudicial do que a invisibilidade desses grupos. A maioria dos protagonistas, hoje em dia, ainda são homens brancos e heterossexuais, restando apenas espaços secundários para personagens negros, LGBTQ+ e mulheres. A falta de exposição de personagens periféricos leva a uma menor chance de o público desenvolver uma IPS positiva e, se acrescentarmos o grande número de minorias que são retratadas de maneira estereotípica na mídia, temos um penetrante impacto nocivo em relação à tolerância social (GARRETSON, 2015). Por isso, não basta que existam personagens mulheres, personagens negros e personagens LGBTQ+ (e também mulheres negras LGBTQ+), é preciso que haja uma representação positiva e favorável, em papéis de destaque, para que o público possa se identificar e desenvolver empatia, ao invés de reforçar estereótipos negativos.

Além de facilitar a quebra de preconceitos, o que pode vir a beneficiar grupos externos, a representatividade também é importante para que as minorias que são apresentadas possam se espelhar nessas mídias. O ato de se ver ou não refletido pode ter um grande impacto na auto-estima de crianças e adultos (MARTINS;

HARRISON, 2011). Baixa auto-estima pode levar ao abuso de álcool e drogas, assim como à depressão e pensamentos suicidas. Segundo Collier, Lumadue e Wooten (2009), existem conexões entre um desenvolvimento saudável e a necessidade de se ver representado na cultura dominante, e a televisão propicia um caminho para que os indivíduos sintam suas experiências validadas. Quando se faz parte de uma minoria social, suas experiências passam despercebidas e os meios de difusão de cultura são a única maneira de se fazer enxergar e de se fazer conhecer. Para muitas pessoas, especialmente se levarmos em consideração a população LGBT+, onde a mídia pode se tornar a fonte principal de informação a respeito de suas identidades, uma representatividade positiva é de vital importância. Personagens LGBT+ bem escritos, com tempo considerável de tela, não representados de maneira negativa e que não tenham um arco trágico, podem ajudar a aumentar a auto-estima do seu público. O relacionamento entre a televisão e a formação de identidade é especialmente relevante quando se fala de minorias sexuais, afetando inclusive o desenvolvimento da auto-percepção (COLLIER; LUMADUE; WOOTEN, 2009). Como temos uma carência na representatividade de todas as minorias, essa auto-percepção é muitas vezes prejudicada.

Os danos a auto-estima causados pela exposição a má-representatividade ou a falta dela pode ser observado no estudo de Martins e Harrison de 2011. As pesquisadoras entrevistaram, ao longo de um ano, 396 pré-adolescentes, meninos e meninas, negros e brancos, com idades entre 7 e 13 anos, acerca de seus hábitos de assistir televisão e de sua auto-imagem. Elas constataram uma baixa na auto-estima de todas as crianças, exceto na de meninos brancos. Elas relataram também que, além de os homens serem representados como fortes e independentes enquanto as mulheres são mostradas como frágeis e emocionais, os homens negros são desproporcionalmente apresentados como intimidadores, rebeldes ou cômicos, e as mulheres negras são excessivamente sexualizadas. Além disso, com esse excedente de mensagens negativas a respeito de suas identidades, meninas brancas e crianças negras não tem outra alternativa a não ser usarem essas imagens como base de comparação. Isso acontece porque a mídia altera as ideias a respeito do que é normativo, e as crianças acabam acreditando que todos usam essas mesmas imagens, sendo assim impossível ignorá-las (MARTINS; HARRISON, 2011). Michael Brody, do comitê de mídia da American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, em entrevista à CNN a respeito do assunto em

2012, disse que crianças são facilmente impressionáveis, e são afetadas quando não se veem representadas na TV ou quando alguém igual a elas é mostrada fazendo algo errado (GOLDBERG, 2012). Com isso, se reforça a importância de modelos positivos não só de homens brancos, mas também de minorias para que todos possam se espelhar e se sentir bem quando assistem televisão. Uma outra explicação que as autoras proporcionaram para esse fenômeno foi a grande quantidade de horas que as crianças passam na frente da televisão, que pode vir a substituir as relações sociais do dia-a-dia (MARTINS; HARRISON, 2011). Como as representações na mídia não são tão diversas quanto a realidade, isso acaba distorcendo a percepção das crianças quanto ao mundo real.

Da mesma forma, conteúdos televisivos podem também influenciar no aprendizado de “papéis de gênero”. Segundo Louro (2013), “papéis de gênero” podem ser definidos como:

padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 2013, p. 28).

Partindo dessa perspectiva, é de se esperar que um instrumento tão abrangente como a televisão vá contribuir no estabelecimento dessas regras que dizem o que mulheres e homens podem ou não fazer na nossa sociedade. De acordo com Remafedi (1990), o desenvolvimento dos “papéis de gênero” é um processo de socialização que ocorre da interação da pessoa com os indivíduos do ambiente e também da observação da imagem dos sujeitos na mídia. As figuras femininas e masculinas criadas por filmes, séries e desenhos animados são usadas por crianças e adultos como aprendizado desses padrões sociais, que deverão ser seguidos quer concordem ou não, já que são difundidos de maneira tão esmagadora, dificultando qualquer fuga da norma imposta.

Nas últimas décadas, muitos estudos tem sido feitos para investigar a representação de personagens femininos e masculinos em desenhos animados, e se esses personagens ajudam a difundir “papéis de gênero” estereotípicos para ambos. Existem até estudos que, além de averiguar personagens femininos e masculinos, buscam também por personagens de gênero neutro, mas sem dados muito significativos a respeito dessa terceira categoria (THOMPSON; ZERBINOS,

1995). A importância desses estudos é notável, pois desenhos animados são o tipo de programa televisivo preferido das crianças, que começam a assistir por volta de um ano e meio de idade (HAPKIEWICZ, 1979). É através desses desenhos que as crianças vão absorver as normas de comportamento para seus determinados gêneros, que podem ser representados de forma negativa e estereotipada, oferecendo assim uma imagem incerta da realidade social que encontrarão na vida cotidiana.

Em geral, as diferenças entre homens e mulheres representadas na mídia são claramente perceptíveis. Primeiramente, mulheres são sub-representadas em programas de televisão, comerciais e desenhos animados (THOMPSON; ZERBINOS, 1995). Quando comparadas aos homens, elas são menos agressivas, mais jovens, mais atraentes, recebem mais ordens e, muitas vezes, aparecem apenas como interesses românticos (SIGNORIELLI, 1990). De acordo com Signorielli (1990), ainda, mulheres na mídia tem mais tendência do que homens a serem casadas e, quando isso acontece, raramente trabalham fora do ambiente doméstico. No que diz respeito a carreira profissional, elas tendem a apresentar profissões estereotípicas como enfermeira, garçonete, secretária e professora (SIGNORIELLI, 1990), ou então aparecem em posições hierárquicas mais baixas do que os homens, muitas vezes sendo mostradas como menos inteligentes do que eles (THOMPSON; ZERBINOS, 1995).

Na totalidade, as imagens de homens e mulheres criadas pela mídia não poderiam ser mais divergentes uma da outra. Os homens da televisão são mais propensos a serem vítimas e perpetradores de violência física e verbal, apresentam mais liderança, perguntam e respondem mais perguntas, expressam mais opiniões, dão mais ordens e demonstram mais raiva, enquanto as mulheres são mais indefesas, inclinadas a pedirem conselho e proteção, se dedicam mais a serviços de rotina, mostram mais afeto e dão mais valor a relacionamentos (THOMPSON; ZERBINOS, 1995). Além disso, personagens femininas tem mais comportamento prosocial e afetuoso, falam mais sobre “interesses femininos”, até mesmo com os homens, e interagem mais com personagens masculinos (SIGNORIELLI, 1990). É importante também ressaltar que personagens masculinos desempenham um número de atividades bem mais amplo do que as mulheres, segundo declaram Thompson e Zerbinos (1995), e a explicação é simplesmente que eles tem mais tempo de tela. Todas essas discrepâncias entre representações pode levar a uma

imagem de inferioridade feminina (SIGNORIELLI, 1990), o que pode ser prejudicial especialmente para as crianças na mira dos desenhos animados mais estereotipados. Ainda segundo Signorielli (1990) a identificação de meninos com os personagens de desenhos está relacionada a força física e postura ativa, enquanto a de meninas está ligada a percepções de beleza e, além disso, meninas são mais inclinadas a se identificarem com personagens masculinos do que o contrário. Essa maior facilidade de se identificar com um gênero outro ao seu está em conformidade com a maneira limitada como as mulheres são representadas. Apesar de personagens masculinos também serem mostrados de forma negativa (manifestando raiva, violência, e quase nunca demonstrando afeto), eles ainda aparecem em maior quantidade, por mais tempo e desempenhando atividades mais variadas, raramente encontrando restrições para isso.

Dentro desta visão, uma técnica que se mostra efetiva em diminuir o aprendizado desses padrões e expandir as opções em relação a “papéis de gênero” é a contra-estereotipagem (REMAFEDI, 1990; SIGNORIELLI, 1990). Contra-estereotipagem é quando o personagem é caracterizado de forma a ir contra o estereótipo esperado (SIGNORIELLI, 1990), ou seja, um personagem masculino que demonstre afeto e seja carinhoso com seus pares, ou uma mulher praticando violência seriam considerados contra-estereótipos. Essas representações podem influenciar na percepção das crianças no que diz respeito a normas sociais de gênero e facilita que as crianças se identifiquem com os personagens. Conforme a pesquisa de Eisenstock (1984), que analisou os hábitos televisivos de 238 crianças acerca da identificação com personagens contra-estereotípicos, crianças com “preferências femininas” e crianças com “preferências neutras” de ambos os gêneros, não demonstraram diferença tão significativa quando se identificavam com personagens não-tradicionais. O dado que chamou a atenção foi que, quando observadas apenas as meninas com “gostos femininos”, se constatou que elas possuem alto nível de identificação com essas personagens, que estão longe da figura tradicional de feminilidade (EISENSTOCK, 1984). A conclusão que se tira desse achado é que até mesmo as meninas que seguem o padrão tradicional imposto socialmente preferem quando são representadas sem tantas limitações pela mídia. Além disso, a contra-estereotipagem se mostra potencialmente eficaz para expandir a consciência relativa a “papéis de gênero” na televisão (EISENSTOCK, 1984). Isso acontece porque são mostrados personagens femininos

e masculinos em posições que geralmente não seriam exibidas, levantando a reflexão de por que temos uma visão tão restrita a respeito do que mulheres e homens podem ou não fazer.

Outro grupo que carece de representatividade positiva é a comunidade LGBTQ+. Ao público mais jovem, é comum o uso da mídia como fonte de informações a respeito do mundo real (KIELWASSER; WOLF, 1992; CHUNG, 2007). Se levarmos em consideração este caráter informativo da televisão, pessoas cisgêneras e heterossexuais, tanto quanto pessoas LGBTQ+, podem ser levadas a acreditar em informações desfavoráveis a respeito de identidades sexuais e de gênero que são consideradas fora da norma. Segundo Chung (2007), programas de TV e até mesmo comerciais com personagens lésbicas e gays tendem a retratar esses grupos como desviantes. Além de se tratar de uma população sub-representada, as poucas figuras LGBTQ+ que encontramos na mídia se baseiam em estereótipos, muitas vezes ofensivos, escritos por pessoas que nada entendem a respeito dessas identidades. Como já mencionado, representações negativas podem afetar negativamente a auto-estima dos grupos apresentados, o que, no caso de minorias sexuais e não-cisgêneras, agrava a situação de um grupo já amplamente sensibilizado emocionalmente. A juventude LGBTQ+ com frequência lida com adversidades de caráter mental e comportamental como depressão, ansiedade, conduta sexual arriscada e abuso de drogas, geralmente ligadas a estigmatização e violência sofrida pelo grupo (CRAIG et al., 2015). Por isso, seria fundamental que a comunidade fosse representada de forma positiva na mídia, o que contribuiria para a diminuição do sentimento de isolamento que aflige muitos jovens.

As mídias televisivas, assim como a realidade, é dominada pela (cis/hetero) norma que busca estabelecer quem é o que seriam considerados normais ou não. Essa norma exclui aqueles que vivem às margens, rotulando-os como 'outro' (CHAMBERS, 2009). Isso se faz através de estereótipos, que são reflexos visuais das crenças e das atitudes culturais em relação a homossexualidade (CHUNG, 2007). Muitos programas que apresentam gays e lésbicas em seu enredos hipersexualizam esses personagens, já que é assim que a sociedade heterossexual enxerga pessoas LGBTQ+. Muitos membros desse grupo reprovam essa imagem, mas continuam assistindo este tipo de programa por serem os únicos que apresentam personagens como eles (EVANS, 2007). De acordo com Evans (2007), essa representação pode levar jovens confusos a praticarem mais atividades

sexuais do que se sentem confortáveis, já que é essa a imagem normatizada pelos programas de TV. Além disso, o apego a heteronorma que vemos nos filmes e programas de televisão também contribui para que jovens lésbicas e gays se sintam isolados. Esse isolamento que a mídia cria pode fazer com que essa juventude evite manifestar sua identidade e não participe em sua cultura, levando-os a se invisibilizarem para seus semelhantes, e aumentando seu afastamento (KIELWASSER; WOLF, 1992). Essa norma também é válida para desenhos animados e programas infantis. Segundo Dennis (2009), os desenhos apresentam a heterossexualidade como uma parte natural do crescimento dos personagens, mostrando muitos deles desenvolvendo interesses amorosos voltados ao “gênero oposto”.

Nesse sentido, os criadores também se utilizam de contra-estereótipos para poderem facilitar o entendimento do público a respeito de minorias sexuais. Essa ação faz com que os espectadores deixem de lado suas visões simplistas a respeito da homossexualidade e descubram características menos superficiais dessas minorias (CHUNG, 2007). Isso é especialmente importante para a audiência LGBT+, já que parte dessas pessoas, segundo Evans (2007), procura durante o período em que estão descobrindo suas identidades, por personagens na mídia que lhes represente. A contra-estereotipagem se torna fundamental para que essa juventude não caia em generalizações e possam ter um desenvolvimento saudável. Isso é favorecido pelas mudanças que andam acontecendo no cenário das representatividades. As expressões dos personagens estão se tornando menos restritas com o tempo, sinalizando para avanços, não só na mídia como na sociedade (CALDWELL, 2014). Os modelos caricatos criados por filmes e programas de televisão ao longo dos anos não podem ser apagados, mas as imagens futuras dão esperança ao público que aspira ver suas identidades retratadas de forma digna.

1.1. OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

O presente estudo tem como objetivo buscar as possíveis contribuições que a animação Steven Universo (SU), em exibição pelo canal Cartoon Network entre

2013 e o presente período, pode trazer como fonte de representatividade e informações a respeito de identidades e "papéis de gênero", assim como de minorias sexuais. O objeto de estudo foi escolhido pelo autor com base em observações fora do meio acadêmico (televisão), e por ser vastamente divulgado em mídias online (principalmente redes sociais) como sendo de grande preferência do público feminino e LGBT+. A busca é feita através da análise e observação de elementos considerados contra-estereótipos, podendo eles ser personagens femininas em papéis diferentes daqueles encontrados na mídia dominante, ou a presença de desejo ou relacionamentos homossexuais.

A mídia é uma grande fonte de informações a respeito de tópicos que seus espectadores desconhecem (KIELWASSER; WOLF, 1992; CHUNG, 2007). É com base nisso que filmes e programas de televisão que desconstruem preconceitos de gênero e de sexualidade se mostram importantes, já que esses assuntos raramente são debatidos em ambiente familiar, e quase nunca são ensinados nas escolas. Quando o tópico aparece em sala de aula, os professores recorrem ao determinismo biológico em suas explicações, que trata as características como fixas da espécie. É evidente o despreparo dos professores para essas situações, já que muitas vezes eles também não são ensinados a respeito, assim como também não aprendem a melhor maneira de se abordar esses temas. Alguns professores, inclusive, relatam o uso de mídias, como revistas e televisão, para se informarem sobre a sexualidade humana, que sempre focam nas funções reprodutivas dos indivíduos (COSTA; SOUZA, 2003). Isso mostra uma deficiência na formação desses profissionais, que, por não saberem sobre esses assuntos, falham em responder as dúvidas que podem surgir em sala de aula.

Dentro da biologia, os estudantes do bacharelado e da licenciatura podem vir a se deparar com tópicos relacionados a gênero e sexualidade, embora em muitos currículos o tema seja inexistente, transferindo ao aluno a responsabilidade de se informar por outros meios. Em muitos casos, quando os alunos dos cursos de ciências biológicas tem a oportunidade de debater esses temas, é esperado que a discussão não extrapole os determinismos e reducionismos impostos pela ciência. A abordagem da sexualidade humana é vista apenas dentro do eixo da educação sexual, focando na finalidade da reprodução e ignorando a questão de desejo e prazer (COSTA; SOUZA, 2003). De acordo com Costa e Souza (2003), a maneira

como a ciência enxerga os corpos está diretamente ligada à como se aborda gênero e sexualidade:

Os discursos científicos engendram a sexualidade como um atributo de natureza biológica, vinculada às características anatômicas, internas e externas, dos corpos, fixando nessas características a sexualidade e as diferenças atribuídas aos homens e mulheres (COSTA; SOUZA, 2003, p.69).

Ainda segundo os autores, a maioria dos livros didáticos traz uma visão falocêntrica de como esses corpos são retratados, uma vez que na maioria das representações do sistema genital testicular tem enfoque nas estruturas externas, enquanto as gravuras do sistema ovariano mostram apenas os órgãos internos, privilegiando o ensino da fecundação e gestação (COSTA; SOUZA, 2003).

1.1.1. Determinismo biológico e Sexo/Gênero

As diferenças sociais entre homens e mulheres, que indicam os interesses e aptidões para cada gênero, é baseada em pouca evidencia científica (PURVES et al., 2018). De acordo com Purves et al. (2018):

Muitas diferenças aparentes em tarefas cognitivas como linguagem, aprendizado, memória, ou habilidade visuoespacial refletem influências não diretamente relacionadas à dimorfismos sexuais geneticamente estabelecidos. Assim, diferenças estatisticamente significantes na performance de homens e mulheres em uma variedade de tarefas são mais prováveis que representem influências sociais e culturais, que resultam em diferentes padrões de comportamento aprendido (PURVES et al., 2018, p.568, tradução própria).

Isso sugere que não existem diferenças cognitivas entre mulheres e homens, e estudos que mostram divergências significativas nas estruturas cerebrais de ambos geralmente são comprometidos por amostras pequenas e dificuldades para serem replicados (PURVES et al., 2018).

Homens e mulheres possuem a organização do sistema nervoso central (SNC) bem semelhantes um com o outro. O tamanho cerebral apresenta uma pequena diferença entre eles, e geralmente é maior em homens cisgêneros se comparados à mulheres cisgêneras (ROUGHGARDEN, 2004). Essa diferença, porém, não significa maiores habilidades para homens cisgêneros, uma vez que elas estão relacionadas a estruturação interna do cérebro, que varia para cada indivíduo independente do tamanho total (PURVES et al., 2018). Segundo Roughgarden (2004), essa discrepância de tamanho é ausente no nascimento, e só começa a se pronunciar durante a puberdade, refletindo o crescimento acentuado

dessa faixa etária. Isso quer dizer que o maior volume craniano provavelmente está relacionado ao tamanho total do corpo, e não às estruturas ligadas à cognição. Uma outra diferença se encontra em uma porção da medula espinhal lombar chamada Núcleo de Onuf (PURVES et al., 2018), que pode ter até 25% mais células nervosas em pessoas com pênis (ROUGHGARDEN, 2004). Em roedores, a estrutura correspondente ao Núcleo de Onuf, chamada Núcleo Espinhal Bulbocavernoso (SNB), apresenta uma discrepância entre machos e fêmeas muito mais acentuada do que em humanos. Essa estrutura está ligada a um grupo de músculos que se encontra na base do pênis, que está envolvido na ereção e micção. Em fêmeas de roedores, essa estrutura é significativamente menor, uma vez que não possuem alguns dos músculos encontrados em machos (PURVES et al., 2018). No nascimento, ambos possuem SNB de tamanhos semelhantes, mas a testosterona produzida por machos durante o período de maturação sexual impede a redução da estrutura (ROUGHGARDEN, 2004). Em humanos, as diferenças são menores se comparados aos roedores. Embora o Núcleo de Onuf seja maior em indivíduos com pênis (uma vez que é responsável pela mesma função que em roedores machos), pessoas com vagina também possuem a estrutura bastante desenvolvida. Contrastando com roedores, o núcleo em humanos também é responsável por controlar músculos envolvidos na constrição vaginal (PURVES et al., 2018, ROUGHGARDEN, 2004). O músculo do pênis, no entanto, é maior que o presente na vagina, o que explica o maior número de células nervosas presentes no Núcleo de Onuf responsável pelas funções penianas.

Muito se tenta definir as diferenças entre homens e mulheres. Essa definição, no entanto, leva em consideração apenas pessoas cisgêneras e não-intersexo⁴, reforçando o binarismo e as divergências entre os chamados “sexos biológicos”, que nem a própria biologia sabe direito como conceituar. É difícil classificar todas as pessoas do mundo em apenas duas categorias e atribuir a elas características denominadas específicas para um ou outro sexo. Para Blackless et al. (2000)

A crença de que o *Homo sapiens* é absolutamente dimórfico no que diz respeito a composição do sexo cromossômico, estrutura gonadal, níveis de hormônios, e estrutura dos sistemas de ductos genitais internos e genitália externa, deriva de um ideal platônico de que para cada sexo existe um único, universalmente correto, caminho e

⁴ Pessoas intersexo são aquelas que nascem com características anatômicas, cromossômicas, celulares ou hormonais que não se encaixam nas definições típicas de masculino e feminino (AINSWORTH, 2015; BLACKLESS; 2000).

resultado para o desenvolvimento (BLACKLESS et al., 2000, p.151, tradução própria).

Uma série de variações podem levar a um desenvolvimento diferente daquele considerado típico para mulheres e homens. Estima-se que pessoas intersexo compreendam por volta de 2% dos nascimentos (BLACKLESS et al., 2000; PURVES et al., 2018). As variantes vão desde a composição cromossômica do indivíduo, ambiguidade genital e produção/absorção de hormônios até quimerismo e mosaicismo, como explicado a seguir (AINSWORTH, 2015).

São muitos os arranjos cromossômicos que podem levar a uma condição intersexo. Os seres humanos podem apresentar cariótipos diferentes dos típicos 46, XX e 46, XY. Uma variedade possível são pessoas XXY (síndrome de Klinefelter), que nascem com sistema genital testicular por conta do cromossomo Y, e características sexuais secundárias atípicas para indivíduos com pênis, como desenvolvimento do tecido mamário, provavelmente derivado da presença ao duplo X (PURVES et al., 2018). Essa é a variação cromossômica mais comum, compreendendo 1 a cada 1000 nascimentos (ROUGHGARDEN, 2004). A condição X0 é conhecida como síndrome de Turner, e ocasiona em um sistema ovariano subdesenvolvido, assim como baixa estatura e infertilidade (PURVES et al., 2018). Indivíduos XYY apresentam alta estatura, genitália testicular que pode ou não ser subdesenvolvida e são inférteis (PURVES et al., 2018). Pessoas XXX tem o desenvolvimento genital pouco comprometido, apresentando sistema ovariano completo, podendo ser férteis em alguns casos (BLACKLESS et al.). Menos comuns são as condições XXYY, considerada uma variação de Klinefelter (BLACKLESS et al.), e alterações genéticas, onde indivíduos XX nascem com aparelho genital testicular e indivíduos XY desenvolvem genitais ovarianas (AINSWORTH, 2015). Se considerarmos apenas os arranjos cromossômicos fora do XX e XY, já temos informações suficientes para tentar derrubar a concepção reducionista de que existem apenas duas conformações possíveis de sexo biológico.

Algumas condições que podem, ainda, levar a intersexualidade estão relacionadas a produção e absorção de hormônios. Uma delas é a Hiperplasia Adrenal Congênita (CAH), que leva a uma maior síntese de andrógenos pela glândula suprarrenal, aumentando os níveis de testosterona do indivíduo (PURVES et al., 2018; ROUGHGARDEN, 2004). Em pessoas XX isso pode levar ao desenvolvimento de uma genitália ambigua, com clitoris aumentado e fusão dos

labios se assemelhando a um saco escrotal (AINSWORTH, 2015). Outra condição é a Síndrome de Insensibilidade aos Andrógenos (AIS). Essa condição afeta indivíduos XY que, devido a incapacidade das células de absorverem testosterona, tem genitália externa e desenvolvimento durante a puberdade compatíveis com a de indivíduos XX típicos, porém apresentam testículos subdesenvolvidos (AINSWORTH, 2015).

Mosaicismo e quimerismo também podem levar um indivíduo a ser intersexo. Mosaicismo é uma não-disjunção dos cromossomos durante a divisão celular nas primeiras etapas do desenvolvimento embrionário, que resulta na produção de um indivíduo com duas ou mais linhagens celulares com conformações cromossômicas diferentes entre si (MOORE; PERSAUD; TORCHIA, 2016). Se o embrião iniciar com células XY, uma das linhagens pode perder um Y, gerando células X0, enquanto outra linhagem permanece XY. As características anatômicas do indivíduo dependem de qual linhagem vai predominar. Se mais células forem XY a pessoa desenvolve características típicas dessa conformação, se a linhagem celular X0 predominar, a pessoa apresenta aspecto físico de alguém com Síndrome de Turner (AINSWORTH, 2015). Uma outra variação que pode gerar indivíduos com linhagens de células diferentes é conhecido como quimera. Nesse caso ocorre a fusão de dois óvulos fertilizados (célula-ovo), que gerariam gêmeos dizigóticos caso não houvesse a união (AINSWORTH, 2015). Se uma das células-ovo apresenta conformação cromossômicas XX e a outra XY, o indivíduo gerado pode ser considerado intersexo. O desenvolvimento da genitália também depende da linhagem predominante, podendo apresentar sistema genital ovariano, testicular ou ambíguo.

1.1.2. Determinismo biológico e Homossexualidade

No que diz respeito a sexualidades não-heterossexuais, vários estudos já foram feitos com a finalidade de descobrir as causas para estes traços. A maioria deles, de caráter determinista e reducionista, falha em atingir o seu objetivo, e, os que conseguem alguma resposta logo são desacreditados por apresentarem dificuldades de serem replicados. Esses estudos geralmente entram em tipos específicos de determinismo biológico, como o determinismo genético, que tenta explicar a homossexualidade como fator intrínseco do DNA, ou o determinismo

neurogenético ou neurológico, que prevê diferenças entre os cérebros de pessoas heterossexuais e homossexuais.

Um importante estudo que tentou explicar a origem da homossexualidade foi conduzido em 1993 pelo cientista Dean Hamer e seus colaboradores, sendo inclusive publicado pela revista Science, o que causou grande divulgação nas mídias sobre a suposta descoberta. A pesquisa foi feita com 40 pares de irmãos, ambos homens, que se declaravam homossexuais, já que Hamer acreditava em uma herança materna para este traço. A equipe procurou por pontos no cromossomo X compartilhados pela maioria dos participantes, buscando chegar no chamado “gene gay”. Com isso, foi encontrado uma relação entre a orientação homossexual e a porção Xq28, localizada na extremidade do braço longo do cromossomo X. Dos 40 pares de irmãos homossexuais, 33 eram concordantes para todos os marcadores de DNA nessa região, e 7 eram discordantes (HAMER et al., 1993). Segundo Roughgarden (2004), este resultado é intermediário, uma vez que se algo nessa região fosse absolutamente necessário para desenvolver a homossexualidade masculina, todos os 40 pares de irmãos compartilhariam dos mesmos marcadores, porém é uma quantidade significativa, sendo que mais da metade é concordante. A autora completa ainda: “Percebam como essa afirmação é modesta. Um gene na região Xq28 do cromossomo X não é nem necessário nem suficiente para a homossexualidade em homens” (ROUGHGARDEN, 2004, p.252, tradução própria). A explicação para isso é que genes sozinhos não garantem a homossexualidade, já que irmãos gêmeos monozigóticos podem apresentar sexualidades diferentes, e nem todos os homossexuais apresentam o suposto gene, como o próprio estudo comprovou (ROUGHGARDEN, 2004). Estudos se seguiram ao de Hamer e não conseguiram replicar os seus resultados. Segundo Rice et al. (1999), a homossexualidade masculina não é um simples traço Mendeliano, pois um gene como este sofreria uma grande pressão seletiva. A equipe de Rice (1999) fez um estudo semelhante ao de Hamer, onde investigou 46 pares e 2 trios de irmãos homens homossexuais. Dos 46 pares, apenas 20 compartilhavam os marcadores na porção Xq28, e um dos trios possuía o mesmo cromossomo X enquanto o outro era compartilhado por apenas dois dos irmãos. Esses resultados não sustentam os achados de Hamer, não encontrando nenhuma evidência que ligue a homossexualidade masculina a região Xq28 do cromossomo X. Roughgarden (2004) destaca que a principal diferença entre os dois estudos é a rigidez na

escolha dos participantes. Enquanto a equipe de Hamer selecionava os integrantes baseados em entrevista tendenciosa, desconsiderando os que não se encaixavam em seus critérios, Rice e seus colaboradores utilizaram apenas da autodeclaração dos homens participantes. O próprio Hamer (1993), em sua publicação, afirma serem irrelevantes para o estudo os chamados “falso negativos”, que são indivíduos que se declaram heterossexuais mas possuem comportamento homossexual, e “falso positivos”, homens declarados homossexuais mas com práticas heterossexuais. Essa seleção de dados pode desprezar participantes simplesmente por não serem considerados “gays o suficiente”, ignorando que as homossexualidades não são identidades bimodais, e determinando uma dicotomia heterossexual/homossexual não aplicável a sexualidade humana.

Outro estudo do início da década de 1990 que tentou explicar as diferenças biológicas entre homens homossexuais e heterossexuais foi conduzido por LeVay em 1991. Nesse estudo, LeVay observou 41 cérebros post mortem com o objetivo de descobrir se haviam dimorfismos entre um cérebro gay e um cérebro heterossexual. Dessas 41 amostras, 19 eram de homens homossexuais que morreram por complicações decorrentes da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), 16 eram homens presumidamente heterossexuais, onde 6 tiveram mortes relativas a AIDS, e 6 amostras vieram de mulheres presumidamente heterossexuais, uma delas tendo morrido também como consequência da síndrome (LEVAY, 1991). A partir da observação dos tecidos cerebrais, LeVay concluiu que uma região do hipotálamo chamada INAH3 (Núcleo Intersticial do Hipotálamo Anterior 3), era duas vezes maior em homens heterossexuais se comparado a homens homossexuais e mulheres heterossexuais. O experimento de LeVay, no entanto, apresenta algumas inconsistências. Primeiramente, ele baseou sua análise do hipotálamo, especificamente, a partir de observações em cérebros de primatas não-humanos, comparando a homossexualidade humana com atividades homossexuais em outras espécies. Outro ponto que merece ser destacado é o número amostral relativamente pequeno e impreciso. LeVay teve acesso a um número alto de cérebros de homens declarados homossexuais por conta da epidemia de AIDS predominante na época. Os cérebros das outras amostras, porém, foram presumidos como pertencentes à homens e mulheres heterossexuais simplesmente por não se declararem homossexuais em vida. Além disso, ele incluiu um homem bissexual entre as amostras homossexuais. Durante o estudo, o

cientista diz considerar que o tamanho menor da região INAH3 poderia estar relacionado aos efeitos das mortes causadas por complicações da AIDS. Porém, ele afirma não encontrar evidências que comprovem que as mortes influenciam o tamanho da região quando compara as amostras dos 19 homens homossexuais com os 6 heterossexuais que tiveram a mesma causa da morte. Segundo Spanier (1995), essa comparação é estatisticamente menos significativa, dado o pequeno número amostral de homens heterossexuais mortos por complicações da AIDS. Outro número amostral baixo é o de mulheres presumidamente heterossexuais, que não permitem uma comparação significativa. LeVay também deixa a entender que mulheres heterossexuais e homens homossexuais compartilham da mesma sexualidade, descrevendo-os como “indivíduos sexualmente orientados à homens”. O pesquisador, no entanto, não levou em consideração que homens e mulheres, mesmo atraídos pelo mesmo gênero, vivenciam suas sexualidades de maneiras diferentes, nem considerou os aspectos culturais envolvidos em suas experiências. Aliás, essa é uma característica que o experimento de LeVay e o de Hamer tem em comum. Qualquer estudo que busque uma explicação inteiramente biológica para a homossexualidade desconsidera os importantes fatores ambientais, e ainda ignora outros fatores sociais, culturais e históricos, que podem influenciar a sexualidade humana.

No entanto, alguns estudos mostram uma relação genética com a homossexualidade. Lübke, Schablitzky e Pause (2009) apontam para uma maior sensibilidade ao feromônio androstenona em homens homossexuais do que em heterossexuais. Essa afirmação está em concordância com achados que dizem que, quando comparados a homens heterossexuais, homens homossexuais e mulheres heterossexuais tem uma maior ativação da parte anterior do hipotálamo quando expostos a andrógenos odorantes (PURVES et al., 2018). Porém, outros fatores devem ser levados em consideração, como a epigenética, que são marcas que ativam ou inibem genes sem alterar o material genético, mas que ainda assim podem ser passadas para a prole. Segundo Paranhos (2017), ainda existem o fator de aprendizado social, onde comportamentos são adquiridos através da imitação de outros membros da espécie, e o fator simbólico, caracterizado pela transmissão de informações pela linguagem, onde esses símbolos são armazenados no cérebro e formam “unidades de informação semelhantes aos genes” (2017, p. 28). Todos esses fatores vão interagir na formação dos fenótipos comportamentais, onde a

sexualidade humana pode ser incluída (PARANHOS, 2017), por isso não devemos depositar a “causa da homossexualidade” em apenas um ou outro elemento, pois se trata de uma característica multidimensional.

Com base nas informações, discutimos que o determinismo biológico não sustenta a condição binária de gênero/sexo. São desconhecidas, também, as discrepâncias biológicas entre as sexualidades, sejam elas genéticas ou neurológicas. O maior debate aqui é o que faz de um indivíduo mulher ou homem, já que variações existem e geram as mais diferentes conformações hormonais, de cromossomos, de células e de estruturas anatômicas. Em relação a pessoas intersexo, muitos avanços sociais ainda precisam ser feitos. É inaceitável que, ainda nos dias de hoje, recém-nascidos sejam submetidos a “cirurgias corretivas” para que suas genitálias se assemelhem ao máximo àquelas consideradas normais. Nenhuma ambiguidade é permitida. Trata-se de uma violação aos corpos de bebês que não podem consentir com esses procedimentos. Também são necessários avanços que naturalizem identidades e corpos transgêneros. É esperar demais que todas as pessoas estejam em conformidade com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Relacionar uma determinada genitália a um gênero específico faz por ignorar todos os aspectos culturais e sociais das comunidades humanas. É preciso desconstruir o pensamento binário e fixo que se tem das relações sexo/gênero, a fim de diminuir a necessidade que a nossa sociedade ocidental tem de classificar os indivíduos em apenas duas categorias. As identidades individuais de cada um não são resolvidas, nem descobertas através de pesquisas laboratoriais. Segundo Ainsworth (2015), para descobrir se uma pessoa é homem ou mulher (ou se é realmente homem ou mulher), basta perguntar a ela.

Pessoas mais preconceituosas tem mais desejo por esclarecerem as diferenças entre grupos sociais (HEGARTY; PRATTO, 2001). Por isso tantos discursos errôneos que comparam a capacidade cognitiva de mulheres e homens circulam em nossa sociedade. Esses discursos encontram fundamento em pseudociências que afirmam que as diferenças existem e são claramente identificáveis. Por isso, não devemos ignorar o papel socializador da mídia para combater os preconceitos de gênero. O recente aumento da representatividade feminina em filmes e programas de TV ajuda a estreitar as diferenças que se fazem acreditar através de papéis sociais impostos a população. As minorias sexuais,

também, podem se beneficiar da representação positiva dos membros de suas comunidades. Vários estudos já mostraram que a apresentação de personagens LGBTQ+ de forma positiva e não estereotipada ajuda a criar empatia e aumentar a tolerância. Há pesquisas também que afirmam que pessoas são mais tolerantes quando acreditam que a homossexualidade tem uma origem biológica (HEGARTY; PRATTO, 2001). Essas explicações baseadas em determinismo biológico, que são pouco sustentadas, podem ser combatidas pela abordagem escolar desses tópicos (FORASTIERI, 2005), o que nem sempre é possível por conta do conservadorismo da maioria desses ambientes. Como nem as práticas escolares, nem a biologia, se encarregam de ensinar respeito e tolerância em relação a minorias sexuais e de gênero, destaca-se o papel da mídia como possível aliada a práticas pedagógicas e aos caminhos da ciência. É com base nisso que o presente trabalho é conduzido.

2. DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

2.1. SINOPSE

Steven Universo é uma série de animação americana que teve início no ano de 2013, criada pela cartunista, animadora e compositora Rebecca Sugar. O desenho conta a história de amadurecimento (*coming-of-age*) do protagonista Steven, que vive com três guardiãs de uma raça alienígena chamada Gem, proveniente do planeta Homeworld. Steven é metade humano e metade Gem. Sua mãe era alienígena como suas guardiãs, e seu pai um homem humano. As Gems possuem uma pedra mágica localizada em alguma parte do seu corpo, de onde tiram os seus poderes e são capazes de conjurar armas. Para que Steven pudesse nascer e ter uma pedra, sua mãe teve que deixar de existir, deixando para o garoto a própria pedra mágica dela. Juntamente com suas guardiãs, ele forma um grupo chamado Crystal Gems, e unidos protegem a Terra de ataques de Homeworld ao mesmo tempo que ajudam Steven a melhor compreender seus poderes.

Nos Estados Unidos, país de origem da animação, a série possui a classificação indicativa TV-PG, que sugere orientação parental (Parental Guidance). Programas com essa classificação contem material que os pais podem considerar impróprios para crianças mais jovens, como diálogos sugestivos, situações sexuais leves ou violência moderada (TV Guidelines, [200-?]), porém não é especificado qual desses temas categoriza a série a essa indicação. No Brasil, a classificação indicativa é de 10 anos, por conter cenas de violência.

2.2. PERSONAGENS PRINCIPAIS

Steven Quartz-Universo

Steven é um menino de 14 anos, filho da gem Rose Quartz e do humano Greg Universo. Ele é gordinho, de pele clara e cabelo escuro, considerado baixo para a idade, e veste calça *jeans* azul, camiseta cor-de-rosa e sandálias da mesma cor. A pedra do garoto é localizada na barriga e, por ser um híbrido gem/humano, possui poderes mágicos e capacidade de conjurar uma arma dela. Os poderes dele incluem flutuar, habilidade de cura e sua arma é um escudo rosa.

Garnet

Garnet é uma fusão entre as gems Rubi e Safira. Ela é uma das guardiãs de Steven, atual líder das Crystal Gems e uma das sobreviventes da rebelião liderada por Rose Quartz, onde Homeworld invadiu a Terra visando explorar os recursos do planeta. Ela é a mais alta do grupo e também a que tem o físico mais muscular. Garnet usa um óculos prateado e roupa escura, com cores que variam entre vermelho, roxo e azul. Suas duas pedras são localizadas nas palmas das mãos. Garnet tem o poder de prever o futuro e suas armas são manoplas.

Pérola

Pérola é uma das gems guardiãs de Steven. Ela era muito próxima da mãe do garoto e lutou com ela durante a rebelião. Ela é alta e magra, sua roupa é azul com amarelo e lembra os trajes de uma bailarina. A pedra de Pérola é localizada em sua cabeça. Suas habilidades incluem armazenar objetos em sua pedra, projetar hologramas e conjurar uma lança.

Ametista

Ela é a terceira guardiã. Foi a última das gems entrar no grupo pois foi feita na Terra, ao contrário das outras. Ela é a mais baixa do grupo e sua roupa varia entre as cores roxo escuro, lilás e branco. Sua pedra é localizada no peito e, com ela, consegue conjurar um chicote.

Connie

Connie é a amiga humana de Steven. Ela tem por volta de 12 anos e é de origem indiana. A garota não apresenta vestimenta fixa ao longo da série, mas geralmente é vista vestindo alguma peça da cor azul. Ela treina luta de espadas com Pérola e frequentemente ajuda as Crystal Gems em suas batalhas. Connie é capaz de se fundir com Steven formando a personagem Stevonnie.

2.3. CONSIDERAÇÕES PARA O ESTUDO

As gems da série, por definição, não possuem gênero ou sexo, mas usam aparência e linguagem estereotipicamente feminina. Por conta disso, durante este trabalho, a maioria das gems foram lidas como personagens femininas, e seus relacionamentos românticos foram interpretados como lésbicos. Essa leitura foi feita com base na percepção que o público pode ter das personagens, sintetizando a questão da identificação de cada uma.

Durante o desenvolvimento, são utilizados os nomes dos episódios oficiais da versão brasileira, porém os diálogos e cenas são analisados a partir da versão original, já que as traduções podem conter adaptações e cortes que prejudicam a investigação. Os episódios são nomeados e categorizados de acordo com a temporada (T) e número do episódio (E). Por exemplo, quando aparecer o código T05E12, lê-se que é o décimo segundo episódio da quinta temporada.

A série contém 153 episódios divididos de maneira desuniforme entre 5 temporadas. Foi feita uma análise qualitativa dos episódios, onde foram selecionadas as cenas que se mostravam dentro da temática estudada. As cenas poderiam ser diálogos ou passagens que se mostrassem não-estereotípicas no que diz respeito a “papéis de gênero” ou sexualidades não-heterossexuais, como personagens femininas em situações de ação, personagens masculinos realizando trabalhos domésticos, personagens que podem não se encaixar em uma categoria binária de gênero, manifestações de desejo ou relacionamentos homossexuais, entre outros eventos. Essas cenas foram selecionadas ao longo do período de observação (enquanto os episódios eram assistidos), e eram anotadas juntamente com capturas de tela quando necessárias para melhor ilustrar a situação. Finalizado esse processo, os episódios aos quais as cenas pertenciam foram agrupados em categorias (Anexo 1) de acordo com características que possuíam em comum. As categorias foram (1) Transgressão de Estereótipos de Gênero, (2) Sexualidade, (3) Assédio e (4) Família. Subcategorias foram criadas quando necessárias para melhor distinguir as cenas dentro da temática. Por fim, foi estabelecida uma literatura que foi usada como base teórica para averiguar se essas imagens da série podem trazer contribuições para seus expectadores.

3. ANÁLISE DA SÉRIE

3.1. TRANSGRESSÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

3.1.1. Super-Heroínas

A popularidade dos super-heróis cresceu muito nas últimas décadas. O principal motivo para isso foram as adaptações cinematográficas das narrativas que antes eram apenas disponíveis no formato de histórias em quadrinhos (HQ), tendo em destaque as editoras Marvel e DC Comics, principais produtoras do gênero. É evidente, no entanto, que o número de super-heróis é imensamente maior do que o de super-heroínas. Quase todos os filmes dos universos DC e Marvel tem como protagonista um super-herói. Até os que focam em uma equipe de heróis unidos para atingirem um objetivo em comum, tais como Os Vingadores (2012), Liga da Justiça (2017) e X-men (2000), tem em sua maioria personagens masculinos. Isso acaba reservando para as mulheres uma ou duas posições, o que muitas vezes as torna personagens tokens, ou seja, que só estão ali como papéis simbólicos de um grupo sub-representado (AMERICAN HERITAGE DICTIONARY, 2018a). Além disso, as heroínas, quando apresentadas nos filmes e séries, muitas vezes são sexualizadas, com figurinos que deixam à mostra boa parte de seus corpos e que não seriam adequados para as cenas de ação. Essa mistura de representação estereotipada juntamente com a posição de (super)poder que a personagem ocupa, pode transmitir uma imagem que pouco favorece a identificação dos corpos femininos (BEHM-MORAWITZ; MASTRO, 2009). Uma imagem que deveria empoderar meninas e mulheres se torna negativa por conta do foco exagerado no corpo e aparência da personagem, o que não acontece de forma tão intensa nos super-heróis.

Histórias de super-heróis, contudo, não são exclusivas de HQs e nem são produzidas unicamente pela Marvel e pela DC Comics. Por ser de um gênero que agrada ao público mais jovem, muitos desenhos animados e seriados infantis usam dessa popularidade para criar seus próprios heróis e heroínas, ampliando assim a abrangência da temática. Segundo Baker e Raney (2007), para ser considerado um super-herói, o personagem precisa estar lutando pelo lado do bem, estar envolvido em missões, sendo de importância que uma delas seja derrotar as forças do mal, e ter alguma habilidade que os outros personagens não possuem. Esses critérios estão presentes em diversos personagens em muitas séries de animação, já que

em quase todas dos gêneros ação e aventura apresentam algum tipo de combate no estilo bem contra o mal. Ainda assim, mesmo em desenhos as heroínas são sub-representadas e raramente atuam sozinhas ou desempenham papéis de liderança (BAKER; RANEY, 2007), o que pode afetar desfavoravelmente o público que assiste e ajudar a fortalecer estereótipos negativos.

A série Steven Universo se destaca por apresentar um grande número de protagonistas que podem ser encaixadas na categoria de super-heroínas. As Crystal Gems lutam para defender a Terra das ameaças do planeta Homeworld, derrotando os inimigos que aparecem, e tem como poder principal conjurar armas de suas pedras. Essas personagens são escritas de maneira multidimensional, focando em suas missões, seus sentimentos, suas dificuldades e aptidões. Segundo Szezecinski e Almeida (2017, p.10), “a humanização das personagens é construída através da manifestação explícita de suas inseguranças e de seus sucessos”, assim, por exibir as múltiplas facetas de cada heroína, torna-se mais fácil a identificação do público com elas.

Em quase todos os episódios vemos cenas de ação em que as protagonistas lutam (e muitas vezes derrotam) as vilãs da série. Esses combates por si só configuram um contra-estereótipo, já que poder e força são geralmente associados à masculinidade, onde frequentemente papéis ativos de protetor e ameaça são reservados para personagens homens (STABILE, 2009). Um exemplo marcante está no episódio Libertador (T01E52), quando Steven, Garnet, Ametista e Pérola são sequestrados pela vilã Jasper, de Homeworld. Ao se libertar, a heroína Garnet trava uma batalha contra a antagonista, que pretende levá-los para seu planeta a bordo de sua nave. A luta das personagens é representada de forma violenta, onde a heroína agride e é agredida. De acordo com Thompson e Zerbinos (1995) essa condição de vítima e perpetrador de violência quase sempre é manifestada por personagens masculinos, que demonstram mais bravura e liderança diante das adversidades. O ato de atacar e se defender quando necessário, sem precisar de ajuda de outros personagens (principalmente homens) é importante para a auto-estima das espectadoras femininas (ISELY, 2015), que se sentem representadas por outras figuras além da tradicional vítima desamparada que sempre precisa ser salva. Além disso, quando uma heroína protege a si própria e aos outros, é passada uma mensagem positiva não só para o público feminino, que se sente empoderado, mas também para o masculino, que vê mulheres sendo representadas em posições

ativas (BAKER; RANEY, 2007), diminuindo assim os efeitos prejudiciais dos estereótipos e dos “papéis de gênero”.

Um outro exemplo na série é a personagem Pérola, que frequentemente luta com adversários para se defender e defender seus amigos. A principal diferença entre Garnet e Pérola, no entanto, são os movimentos que elas usam durante a batalha. Enquanto Garnet apresenta um estilo de luta mais rude e violento, Pérola se utiliza de gestos mais brandos que lembram passos de dança. Dentre as protagonistas, ela é a que apresenta a aparência mais tradicionalmente feminina, com uma fisionomia supostamente frágil, do tipo que não se esperaria encontrar em um campo de batalha. Conforme evidencia Odínino (2015), a imagem de heroína criada pela mídia não substituiu o modelo típico feminino que existe embutido na nossa sociedade. Segundo a autora, “a afirmativa do poder conquistado pelas mulheres inseriu-se ao lado de outros aspectos tradicionais ligados à ‘feminilidade’, coexistindo com eles, ainda que tencionando e reformulando-os” (ODININO, 2015, p. 900). O padrão coreografado que a personagem Pérola utiliza em suas lutas é uma consequência dessa reformulação de aspectos femininos dentro da leitura da super-heroína. O resultado disso é um “contra-estereótipo estereotipado”, onde a protagonista se utiliza de artefatos culturalmente femininos, tais quais aparência frágil e movimentos delicados, em uma situação que é mais convencional para personagens masculinos, como o enfrentamento físico.

Além de participar nas batalhas, a personagem Pérola também atua como mentora da amiga de Steven, Connie. No episódio Juramento a Espada (T02E05), ela usa um holograma para ensinar a garota técnicas de luta com espadas (Figura 1), que servirão como base para os futuros combates que vai enfrentar. A personagem Connie, entretanto, é raramente vista lutando sozinha contra os inimigos. Por se tratar de uma humana sem nenhum super-poder além de suas habilidades acima da média para dominar espadas, ela com frequência é retratada lutando juntamente com o protagonista Steven, seja lado a lado ou fundidos em um único personagem. Porém, apesar da performance de heroína da garota ser minimizada pela presença de seu companheiro de luta, os dois desempenham papéis igualmente importantes nas cenas de ação, mesmo ele tendo super-poderes que ela não possui. A divisão de papéis dos personagens em batalha é clara, uma vez que a arma do garoto é um escudo e a dela uma espada. Ambos sincronizam seus movimentos de defesa e ataque, possibilitando derrotar os inimigos. Não se

trata, portanto, da situação que predomina nas mídias, em que a heroína precisa ser salva pelo herói apesar de também ocupar uma posição de poder (ISELY, 2015). Vale lembrar também que, nesse caso, os dois personagens se tratam de pré-adolescentes, diferentemente das super-heroínas citadas anteriormente que são adultas, o que pode justificar a dificuldade que apresentam em lutarem sozinhos.

Figura 1: Connie aprendendo movimentos de luta com um holograma de Pérola.



Fonte: captura de tela realizada pelo autor no dia 10 set. 2018.

Um outro aspecto interessante na série é a diversidade de corpos representados, que fogem dos padrões tradicionalmente ligados à beleza física. Como já mencionado, a sexualização de heroínas é um dos principais problemas na representação das mesmas em filmes e séries de *live action*. Em animações isso não é diferente. Apesar de terem como público alvo as crianças, muitas vezes os desenhos animados falham em abandonar a estética considerada convencionalmente atraente, e apresentam suas super-heroínas em roupas curtas e corpos esguios, como mostra a Figura 2. Segundo Pennell e Behm-Morawitz (2015), a exposição a esse tipo de representação pode afetar negativamente a autoestima de seu público feminino, alterando a maneira como percebem seus próprios corpos. Esse tipo de estereótipo é particularmente prejudicial para a auto-imagem

do público infantil (BAKER; RANEY, 2007), ainda mais se tratando de uma temática de super-heroínas, de quem a força e status favorece a identificação das espectadoras, que podem vir a se comparar fisicamente com as personagens que apresentam formas de corpos bastante idealizadas (PENNELL; BEHM-MORAWITZ, 2015). Levando em conta seu alto potencial de identificação, é de grande importância que as heroínas sejam retratadas com diferentes tipos de fisionomias, expandindo a noção do que é um corpo ideal.

Figura 2: Personagens da série DC Super Hero Girls.



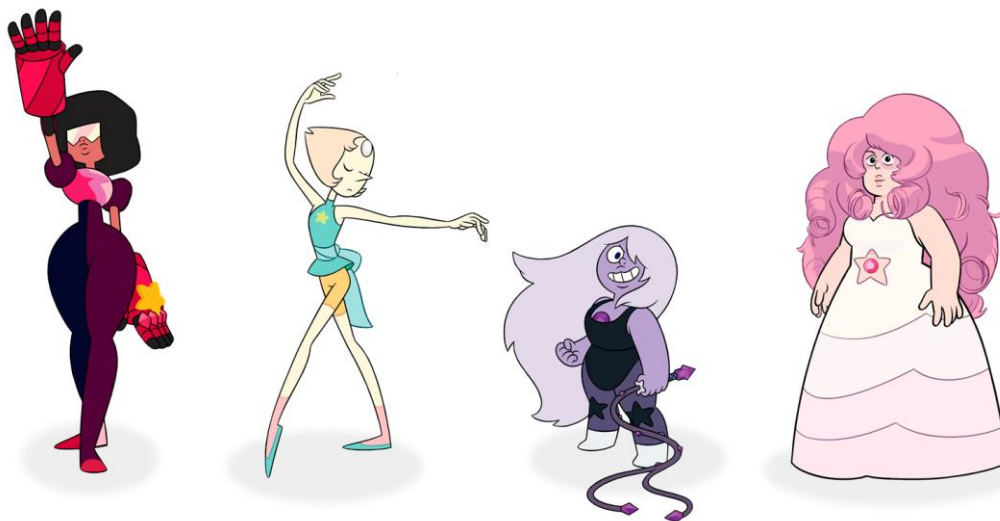
Fonte: imagem retirada do site Nerdologista⁵.

Em Steven Universo, tanto as protagonistas quanto as vilãs apresentam corpos variados. Garnet é a mais alta das Crystal Gems, apresentando um corpo atlético que confere com o seu papel ativo de guerreira. Pérola também é alta mas excessivamente magra, ela é a que mais se encaixa nos padrões sociais de beleza. Ametista é baixinha e corpulenta, com um tipo de corpo não muito tradicional para heroínas. Até mesmo Steven não segue o padrão encontrado na maioria dos super-heróis, que são geralmente representados como grandes e musculosos. Além disso, uma personagem que chama atenção é a mãe do garoto, Rose Quartz. Ela tem uma configuração *plus-size* que não interfere em como as pessoas a veem, nem se mostra como um aspecto negativo para uma heroína que precisa constantemente entrar em um campo de batalha (Figura 3). Essa variação se mostra importante para

⁵ Disponível em <<http://nerdologista.com/dc-super-hero-girls-ganhara-serie-animada-no-cartoon-network/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

o público, uma vez que a exposição frequente a mídias que representam sempre a mesma imagem sexualizada e estereotipada, pode levar a um sentimento de baixa autoeficácia em mulheres e meninas (BEHM-MORAWITZ; MASTRO, 2009). Ao se compararem com apenas personagens tipicamente atraentes, o público feminino pode vir a achar que o seu corpo, se diferente daquele representado, não é conveniente para certas situações, especialmente quando exigir habilidades físicas.

Figura 3: Representação de tipos variados de corpo em Steven Universo. Da esquerda para a direita: Garnet, Pérola, Ametista e Rose Quartz.



Fonte: Sugar (2015), editada pelo autor.

Como visto, a representação de super heroínas na série Steven Universo se destaca pelos aspectos positivos que traz. Conforme relatam Szezecinski e Almeida (2017), a pedagogia presente nas narrativas heróicas pode ter caráter ideológico, debatendo assuntos polêmicos a respeito das representações. Apesar de o número de personagens masculinos ainda superar o de personagens femininas em outras mídias, o desenho animado em questão mostra que é possível criar múltiplas super-heroínas sem cair em estereótipos negativos. Histórias de super-heróis ajudam a moldar identidades e atitudes relacionadas a gênero (PENNELL; BEHM-MORAWITZ, 2015). Por conta disso, é importante que as heroínas sejam apresentadas fora do cenário de proteção, que julga como atípico uma mulher que consegue se defender por conta própria (STABILE, 2009) mesmo estando em uma posição de poder. Também é significativo que elas sejam representadas com tipos

de corpos além do que é considerado convencionalmente atraente, a fim de abranger uma maior identificação do público, que nem sempre apresentará uma fisionomia semelhante a que é normalmente exibida. A sexualização de super-heroínas se mostra prejudicial tanto para as meninas quanto para os meninos, que podem usar tais imagens para justificar e encorajar preconceitos de gênero (BEHM-MORAWITZ; MASTRO, 2009). Representar heroínas como personagens multidimensionais, que não obedecem os “papéis de gênero”, e possuem estrutura física mais realista beneficia os espectadores, que podem presenciar imagens fortes e positivas, diferentes das que geralmente são passadas por outros programas em geral.

3.1.2. Masculinidade

A resistência às normas sociais de masculinidade é importante para a saúde mental de meninos antes e durante a adolescência (WAY et al., 2014). É esperado que meninos e homens não expressem seus sentimentos e interiorizam a maioria de suas emoções. Segundo Thompson e Zerbinos (1995), as figuras masculinas representadas na mídia são mais propensas a demonstrar raiva e quase nunca afeto, oposto a como as mulheres são exibidas, criando assim um estereótipo de o que cada gênero deve sentir. Esse duplo padrão prejudica os meninos desde muito cedo, e aqueles que resistem a regra de masculinidade ao terem amizades próximas e conversando sobre seus sentimentos, conseguem com mais facilidade se manterem psicologicamente saudáveis (WAY et al., 2014). Além disso, estereótipos de emoção parecem estar ligados a percepção dos “papéis de gênero” que as crianças acreditam serem apropriados para mulheres e homens (MARTIN, 2017). Como já muito discutido, este reforço nos padrões de gênero impostos socialmente tem muitos impactos negativos para as meninas, porém os meninos não deixam de ser afetados. Streicher (1974) relata que os estereótipos de gênero retratados na mídia, em especial desenhos animados, não exclui os personagens masculinos, que muitas vezes são representados como maridos desastrados, vilões egocêntricos e musculosos sem cérebro. A falta de representações positivas, e principalmente, a constante representação negativa de um gênero ou outros pode levar a uma baixa auto-estima para os grupos apresentados (MARTINS; HARRISON, 2011), o que pode desencadear problemas sérios como pensamentos suicidas e abuso de drogas.

O protagonista que dá nome a série Steven Universo tem muito a dizer sobre resistência às normas de masculinidade. Ele é um super-herói que, apesar de estar em uma posição de (super)poder, acaba subvertendo a masculinidade hegemônica, tão presente nesse tipo de narrativa. Um exemplo disso está no episódio Mulher Gigante (T01E12), onde Steven tenta fazer duas de suas guardiãs se harmonizarem para poderem se fundir e juntas formarem uma mulher gigante, revelando suas habilidades pacificadoras. Ao não obter sucesso, o protagonista canta uma música a respeito de como deseja conhecer a fusão entre as duas e revela, ao longo da canção, que se pudesse também gostaria de ser uma mulher gigante. Isso mostra o quanto Steven é seguro a respeito de sua identidade de gênero, pois sua admiração pela fusão de suas guardiãs o faz desejar estar no lugar delas, mesmo que ele seja menino.

Ainda discutindo a natureza pacifista do personagem, podemos mencionar o episódio Broca de Gems (T03E02). As Crystal Gems, ao longo dos episódios anteriores a este, constroem uma grande broca que escavará a superfície da Terra para destruir a Drusa, um aglomerado de gemas estilhaçadas que podem se fundir e devastar o planeta. No episódio em questão, Steven se encontra nas profundezas do manto terrestre, levando a broca que vai destruir a Drusa. Ao chegar lá para finalizar o seu objetivo, ele acaba percebendo que este aglomerado parece ter uma consciência e, ao invés de perfurá-lo, decide resolver a situação conversando e ajudando a Drusa a não se fundir. Essa atitude de salvar a Terra de uma maneira amigável, sem recorrer à violência, é contrária aos estereótipos que vemos representados nos super-heróis. De acordo com Baker e Raney (2007), super-heróis são sempre representados de forma poderosa, sendo agressivos e ameaçadores, aspectos opostos a como Steven é apresentado. Se levarmos em consideração os super poderes do garoto, percebemos que se tratam de habilidades defensivas. Ele consegue conjurar um escudo e uma bolha protetora ao redor dele e de seus amigos, por isso quase sempre é visto defendendo a si próprio e aos outros no campo de batalha. Porém, ele também ataca quando não há outra maneira de vencer. No episódio Educação de Consciência (T04E04), que se passa logo após ele ter derrotado algumas de suas inimigas, vemos o garoto lidando com um impasse moral onde tenta aceitar o fato de não ter podido salvar suas adversárias, o que o levou a recorrer a métodos mais agressivos.

Além desses fatores, Steven também aparece ocupando “papéis de gênero” contrários ao esperados para um personagem masculino. Frequentemente vemos o garoto executando atividades domésticas como, por exemplo, lavando a louça, cozinhando e lavando/dobrando as roupas (Figura 4). Em desenhos, este tipo de função é reservada para as mulheres, geralmente as mães, enquanto os homens nunca participam das tarefas de casa (STREICHER, 1974). A exposição a este tipo de contra-estereótipo, segundo Signorielli (1990), pode levar a maior consciência a respeito da divisão de tarefas domésticas, e facilitar a aceitação de que meninos também podem/devem dividir as tarefas domésticas. Outro comportamento expressado por Steven que é oposto aos “papéis sociais masculinos” é ele regularmente tomar a posição de cuidador. Não por acaso, um dos poderes do garoto é curar ferimentos e, por conta disso, ele com frequência é representado cuidando dos outros personagens (incluindo inimigos). Além disso, ele também dá conselhos e apoio emocional para seus amigos, reforçando a imagem de cuidador que é comprometido com os relacionamentos que desenvolve. Em desenhos e outros formatos televisivos, essa função é associada a personagens femininas, sendo que os homens não são representados ocupando este papel (THOMPSON; ZERBINOS, 1995). Steven também é um garoto sensível, que demonstra seus sentimentos frequentemente, sejam eles relativos a tristeza, felicidade, afeto ou medo. Ele raramente manifesta ódio, nem mesmo por seus adversários, sendo que o único personagem por quem ele expressa este tipo de sentimento negativo é Kevin, evento que será abordado mais adiante quando discutirmos a questão de assédio na série. Todos esses sentimentos podem ser considerados contra-estereotípicos para um personagem masculino, já que na televisão são mais comuns quando demonstrados por mulheres. De acordo com Martin (2017), a exposição a animações com esse tipo de mensagem pode levar ao entendimento de que é aceitável que meninos chorem ou sintam medo, proporcionando mudanças nas crenças e comportamentos relacionados a gênero.

Figura 4: Steven lavando roupa.



Fonte: captura de tela realizada pelo autor no dia 12 set. 2018.

Outro ponto contrário às normas de masculinidade é a proximidade de Steven com elementos da cor rosa. O garoto não só veste a cor em sua camiseta e chinelos, mas também tem uma conexão natural com o tom, já que a pedra de onde vem os seus poderes é um diamante rosa. Em relação às armas capaz de conjurar, o escudo e a bolha protetora ambos são dessa coloração. Segundo Odinino (2015), a cor rosa está ligada a imagem feminina desde muito cedo na infância, e “sinaliza, demarca e representa as simbologias do universo onde vigoram as novas feminilidades” (ODININO, 2015, p. 903). Apesar de essa ser a cor símbolo para as meninas, Steven não demonstra nenhum desconforto em admirá-la, mesmo isso não sendo convencional para um garoto. No episódio O Leão de Steven (T01E10), quando ele encontra um leão mágico de pelo rosa perdido no deserto, Steven logo faz amizade com ele e diz o quanto adorou a cor do animal. Outra ocasião que ele expressa apreciação pela cor rosa é no episódio Aniversário do Steven (T02E23), quando sua amiga Connie lhe dá de presente uma camisa nessa tonalidade. A reação do garoto ao desembulhar o pacote é de entusiasmo, declarando que é uma cor muito bonita e vestindo-a de imediato. A cor rosa está permanentemente associada à existência e identidade de Steven, ela está em suas armas, suas roupas e sua história, sendo que nunca é abordado na série nenhum

estranhamento para tal, já que ele é filho de Rose Quartz, personagem também vinculada a essa cor. O que vemos na sociedade é oposto a isso. Meninos e homens com frequência demonstram aversão a qualquer coisa que tenha a coloração rosa, já que socialmente existe essa inclinação a se inferiorizar tudo que está relacionado ao universo feminino (ODININO, 2015).

Em face dessas questões, são indiscutíveis as contribuições da série no que diz respeito a apresentar resistências às normas de masculinidades. O personagem Steven se mostra contra-estereótipo se comparado a como os meninos e homens são representados nas mídias. No geral, personagens masculinos são mais inclinados a demonstrarem raiva do que as personagens femininas (MARTIN, 2017), não participam de atividades domésticas, não são profundamente comprometidos a seus relacionamentos e não expressam suas emoções. Segundo Streicher (1974), o tratamento desigual entre homens e mulheres em programas de TV e comerciais tem um papel considerável em produzir as diferenças entre os gêneros. A imagem de um garoto expressando seus sentimentos na mídia pode ajudar a normalizar essa ação na sociedade. Este tipo de mensagem é particularmente importante em desenhos animados, uma vez que os meninos são mais propensos a diminuir sua resistência a normas de masculinidade a medida que crescem (WAY et al., 2014). De acordo com Way et al. (2014), garotos durante a adolescência demonstram grande necessidade de conversar a respeito de seus sentimentos, mas não o fazem por ser considerado um comportamento feminino. Ainda segundo os autores, os adolescentes que aderem às regras da masculinidade hegemônica descrevem essa conduta como uma necessidade, e raramente indicam desejos de se transformarem em estereótipos masculinos, mas o fazem mesmo assim (WAY et al., 2014). Filmes e programas de televisão podem ajudar a desconstruir essas normas e mostrar para meninos e homens que existe uma alternativa, e que não precisam seguir regras de masculinidade se não se sentirem felizes com isso.

3.1.3. Outras Transgressões e Não-Binariedade

Além de ter um forte protagonismo feminino e desafiar as normas de masculinidade, a série apresenta ainda outros aspectos que confrontam padrões e expressões de gênero. No episódio Super Ilha Melância (T03E01) vemos um exemplo de “troca de papéis” entre um casal de personagens secundários. Quando uma inimiga tenta atacar Steven e as Crystal Gems na Ilha Melância (uma ilha onde

todos os habitantes são melancias vivas), a população local decide formar um exército a fim de derrotá-la. Quando os soldados melancia estão deixando seu esconderijo para partir rumo ao campo de batalha, vemos uma família típica (mãe, pai e filho) se despedindo antes de um dos pais ir para o combate. Porém, ao contrário do que seria esperado, a mãe se junta ao exército com sua lança e escudo enquanto o pai fica tomando conta da criança. As melancias desse casal são as únicas que possuem vestimenta e adornos tradicionais que identificam o seu gênero, estando o pai trajando uma gravata e mãe usando uma saia e colar de flores (Figura 5).

Figura 5: Família de melancias se despedindo antes de a mãe sair para a batalha.



Fonte: capturas de tela realizada pelo autor no dia 11 jan. 2018.

Outra transgressão que podemos observar ao longo da série se encontra no episódio A Canção da Sadie (T02E16). Quando uma amiga de Steven se inscreve para cantar no festival de música da cidade, o garoto resolve ajudá-la com os preparativos, até mesmo com o figurino e a maquiagem. Na hora de a garota se apresentar, porém, ela desiste e, como alternativa, Steven resolve cantar no lugar dela. Durante a apresentação, ele usa exatamente a mesma maquiagem e roupas que a garota usaria, incluindo um top, saia e salto alto (Figura 6). De acordo com Dennis (2009), este tipo situação onde um personagem utiliza vestimentas comuns a um gênero outro ao seu é frequente em desenhos animados, porém não abordado da mesma maneira que na série em questão. Quando Steven usa as roupas da amiga, o público da apresentação reage de maneira natural, nenhum dos personagens demonstra estranhamento ou acha engraçado que um garoto vista esse tipo de roupa. No geral, personagens de desenho utilizam roupas tipicamente associadas a outro gênero em um contexto de disfarce, de humor, humilhação ou para causar choque (DENNIS, 2009). Segundo Eisenstock (1984), a exposição a este tipo de imagem contra-estereotípica pode ajudar a mitigar atitudes negativas em relação a padrões de gênero em seus espectadores.

Figura 6: Steven vestindo as roupas de sua amiga durante um número musical.



Fonte: captura de tela realizada pelo autor no dia 10 jan. 2018.

Além dos aspectos mencionados, um exemplo importante de expressão de gênero divergente da norma está na existência da personagem Stevonnie, que é uma fusão entre a amiga de Steven, Connie, e o próprio garoto. Por ser a fusão entre um menino e uma menina, essa personagem apresenta um gênero não-binário (que não está exclusivamente dentro da binariedade mulher/homem), embora a série não deixe claro se Stevonnie possui uma identidade específica. Em 2015, quando indagada a respeito da identidade de gênero da personagem, Rebecca Sugar, criadora da série, responde que Stevonnie se identifica como uma experiência (WOERNER, 2015), já que a fusão entre uma humana e um gem é sem precedentes no universo em que se passa a animação. No áudio original em inglês, Stevonnie utiliza pronomes *they/them*, comum para pessoas não-binárias. Já em português, a maioria das pessoas da série a tratam pela feminino, provavelmente por causa da aparência da personagem.

Apesar de Stevonnie ter uma leitura predominantemente feminina, existem alguns aspectos que deixam uma impressão de ambiguidade a respeito de seu gênero. No episódio Lua Selva (T05E12), Stevonnie fica presa em outro planeta por alguns dias. Como a apresentação da personagem é mais velha que a das duas crianças quando separadas, podemos ver ao longo do episódio o crescimento de um início de barba em seu rosto (Figura 7). Em uma das cenas até, a fusão é mostrada se barbeando com sua espada, focando na condição ambígua de sua aparência. A existência nos desenhos de um personagem que não apresenta um gênero dentro da binariedade pode se mostrar positiva, pois neutraliza a dominância que um gênero tem sob o outro nas mídias, o que pode ajudar a prevenir o desenvolvimento de certos preconceitos (GÖKÇEARSLAN, 2010). Segundo Kellner (2001), a mídia oferece imagens com que o público possa se identificar, tendo então, um papel socializante e cultural no que diz respeito a gênero, podendo valorizar alguns comportamentos e diminuir outros. Uma personagem como Stevonnie, portanto, desempenha uma função pedagógica por não apresentar uma conduta feminina ou masculina, tornando neutras as ações que executa, e não reproduzindo estereótipos dos gêneros binários, sejam eles negativos ou positivos.

Considerando tudo isso, a animação Steven Universo se mostra importante para minimizar a exposição de crianças e adultos a programas altamente estereotipados. Crianças que assistem programas que retratam figuras não-

tradicionais tem mais tendência a não desenvolverem estereótipos de “papéis de gênero” e preconceitos (DAVIDSON; YASUNA; TOWER, 1979). Como a série apresenta um alto nível de protagonismo feminino, representação positiva de super-heroínas, subversão a normas de masculinidade e transgressões de gênero, podemos considerá-la como uma animação não estereotípica, que pode beneficiar o público com imagens alternativas às que vemos em outras mídias.

Figura 7: Stevonnie na Lua Selva.



Fonte: captura de tela realizada pelo autor no dia 20 jul. 2018.

3.2. SEXUALIDADE

3.2.1. Homossexualidade

Os símbolos e imagens da cultura heterossexual prevalecem na mídia dominante e, apesar de serem evidentes alguns avanços nesse sentido, seguem longe de abrir um espaço mais considerável para outras representações. É de se esperar, com isso, que o público que consome programas televisivos que carecem de uma ampla e diversa exibição de personagens em seu conteúdo, internalizam ideias não favoráveis a respeito das minorias invisibilizadas. Segundo Silva e Gomes (2009, p.6), “as narrativas, subjetividades e ideologias encontradas em contextos fílmicos são de suma importância para a formação do caráter humano”, o que fundamenta o pensamento de que uma mídia predominantemente cis/heterossexual prejudica a percepção da sociedade em relação às pessoas LGBT+. Levando em consideração filmes e programas de TV, o papel socializador desse tipo de veículo raramente é positivo, uma vez que a maioria das pessoas não conseguem informações a respeito de minorias sexuais nos ambientes que ocupam, e acabam assim aceitando as poucas e negativas imagens a que tem acesso (GROSS, 1991). Temos aqui, então, outro ponto desfavorável em relação a mídia de massa. As figuras não-heterossexuais, quando aparecem, são escritas como estereótipos que não refletem a individualidade de todo um grupo. A constante exposição a representações estereotipadas de lésbicas e gays pode fazer com que a audiência desenvolva um falso entendimento e, até mesmo, comportamentos discriminatórios contra essa classe de pessoas (CHUNG, 2007). Isso é especialmente verdadeiro quando tratamos de mídias infantis, já que, de acordo com Chung (2007), essas representações ajudam a moldar as definições de realidade social das crianças. Por isso, então, é importante que exista representatividade positiva de minorias sexuais não só em programas voltados para o público adulto, mas também em desenhos e filmes que tem como alvo a população mais jovem.

Desenhos animados, assim como outras mídias, também seguem um padrão estritamente heterossexual. A maioria deles mostra personagens de todas as idades, desde crianças pequenas até adolescentes e adultos, engajados em atividades heterossexuais, se apaixonando e se relacionando romanticamente com o gênero “oposto”, sem dar nenhuma pista de que práticas homossexuais existem

(DENNIS, 2009). Essa condição, juntamente com o fato de que muitas pessoas não tem a oportunidade de discutir sobre homossexualidade na escola (CHUNG, 2007), leva a uma maior falta de compreensão a respeito de identidades não-heterossexuais.

Além de prejudicar o entendimento e promover ideias preconceituosas em relação a minorias sexuais, a falta de representatividade positiva também afeta indivíduos que estão começando a formar suas identidades sexuais. Por ser um assunto que os jovens dificilmente falam com os pais, a mídia (tanto *online* quanto *offline*) acaba sendo uma das únicas ferramentas de informação sobre homossexualidade que este grupo encontra (KIELWASSER; WOLF, 1992). Este cenário não é o ideal se pensarmos nas mídias *offline*, onde a maioria do conteúdo representa os membros da comunidade LGBT+ como estereótipos ambulantes, desprovidos de uma personalidade multidimensional, que são muitas vezes reduzidos às suas sexualidades/identidades de gênero. A homossexualidade sendo retratada de maneira heterocêntrica (uma vez que esses materiais são quase sempre produzidos por heterossexuais) reforça a visão preconceituosa e incorreta que a sociedade tem de pessoas gays (CHUNG, 2007), e pode ser um golpe na auto-estima de quem só quer se ver representado na televisão. Ainda segundo Chung (2007), muitos jovens gays tem dificuldade de se assumirem para a sociedade, e mantem suas identidades em segredo, justamente por não se identificarem com as imagens que a mídia fornece a este respeito.

A importância de filmes, séries e programas de televisão para as pessoas não-heterossexuais é evidente, uma vez que vivem em ambientes onde raramente lhes é oferecido contato com aspectos da cultura homossexual. Como evidencia Gross (1991, p.27), “mulheres são rodeadas por outras mulheres, pessoas negras por outras pessoas negras, etc., e podem observar as escolhas e destinos que acontecem àqueles que são como eles” (tradução própria). Esses grupos, apesar de também serem prejudicados pela falta de representação positiva, podem recorrer a membros de seus círculos sociais imediatos para melhor entenderem sua cultura, uma experiência improvável para jovens e adultos de minorias sexuais, já que quase sempre nascem em famílias onde o modelo heterossexual prevalece. Nesse caso, as raras imagens que a mídia proporciona mais atrapalham do que ajudam, uma vez que não existe uma preocupação em humanizar as figuras lésbicas e gays. Até mesmo em programas infantis, onde essa temática muitas vezes aparece

apenas por insinuações, a representatividade se mostra negativa, já que quase sempre ela é inserida no conteúdo como forma de humor para os espectadores adultos (DENNIS, 2009). À vista disso, as representações que se dão apenas por insinuação para o público mais velho, mesmo que positivas, pouco fazem pelos jovens que buscam informações a respeito de suas identidades. Essas imagens se tornam inaproveitáveis para crianças e adolescentes que ainda não atingiram um nível de maturidade suficiente para entender essas simbologias.

Quando tratam deste assunto de forma mais explícita, os programas de televisão, no geral, tendem a fazer o público acreditar que pessoas não-heterossexuais são parte de um grupo desviante, já que seus criadores são, na maioria, heterossexuais que incorporam em seus produtos suas visões incorretas e heterocêntricas do que é ser gay, lésbica, bissexual, etc, (CHUNG, 2007). Segundo Gross (1991), quando esses grupos conseguem alguma visibilidade na mídia, ela quase sempre reflete os interesses da elite heterossexual. Então, para se conseguir fugir da cultura dominante, é preciso que as minorias se tornem os criadores e produtores de suas próprias mídias (GROSS, 1991). É só assim, talvez, que exista a possibilidade de serem exibidos personagens com personalidades não estereotípicas, de caráter multidimensional, e que não são definidos pelo aspecto que os torna minoria.

A série Steven Universo é criada por Rebecca Sugar, que se identifica como pessoa não-binária e bissexual. Ela traz em sua animação um leque de transgressões de estereótipos de gênero e sexuais. São muitas as personagens (inclusive protagonistas) que podem ser lidas como lésbicas no desenho. Essa quantidade, acima da média mostrada em mídias infantis, garante que elas terão diferentes personalidades, contornando os estereótipos e certificando-se que a mensagem positiva será passada para as crianças e adolescentes que assistem. Seguidamente, veremos as principais manifestações de homossexualidade encontradas em Steven Universo, focando principalmente nas personagens e em suas experiências que podem ser consideradas lésbicas.

Rubi e Safira:

Rubi e Safira são duas gems que, fundidas, formam a protagonista Garnet. Durante quase toda a primeira temporada, os espectadores não são apresentados a condição de fusão da personagem, embora algumas pistas sejam dadas. É somente

no episódio Libertador (T01E52), ultimo da temporada, que se tem a confirmação de que Garnet é, de fato, duas gems unidas em uma. Também é confirmado que, além de viverem fundidas, Rubi e Safira tem um relacionamento amoroso, sendo a fusão uma analogia para o sentimento entre as duas. Nesse episódio, Garnet se desune por conta de um ataque que recebeu de uma vilã. Essa vilã, então, sequestra Steven e as demais Crystal Gems. Dentro da nave onde são presos, o garoto consegue fugir e libertar Rubi, que só está preocupada em encontrar Safira. Ao se encontrarem, as duas gems se abraçam e dizem o quanto se importam uma com a outra. Safira beija o rosto de Rubi, que a ergue nos braços e as duas voltam a se fundir. Alguns momentos depois, a vilã reencontra Garnet e elas se preparam para lutar. Durante a batalha, a protagonista conta uma música que deixa claro o tipo de relacionamento que as duas gems, Rubi e Safira, tem uma com a outra.

*Vá em frente e me acerte se for capaz
Você não vê que meu relacionamento é estável?
[...]
Eu sou muito mais do que elas duas
Tudo com que elas se importam, é o que eu sou
Sou sua fúria, sou sua paciência
Eu sou uma conversa
Sou feita de amor
E mais forte que você
(tradução própria)*

Quando Garnet canta a respeito de estar em um relacionamento estável, ela pode estar fazendo referência a como casais homossexuais que viviam juntos se declaravam antes de poderem se casar legalmente. É importante notar que o episódio em questão foi lançado nos Estados Unidos em março de 2015, alguns meses antes de a Suprema Corte oficializar a legalização do casamento gay no país, que aconteceu em junho daquele mesmo ano. Mais adiante na série, com o casamento entre pessoas do mesmo gênero já legalizado, as duas se casam oficialmente. Além disso, na música Garnet também diz o quanto Rubi e Safira se importam uma com a outra e afirma que é “feita de amor”, comprovando que a fusão é uma simbologia para o sentimento e relacionamento que existe entre as duas.

Nos episódios seguintes, é reforçado o conceito de que Garnet não é apenas uma fusão qualquer, mas que representa o amor entre duas gems. Em Cartas de

Amor (T02E03), um dos cidadãos de Beach City se apaixona por Garnet e a convida para um encontro. Ao saber disso, Steven diz que o encontro não vai acontecer porque Garnet já está em um relacionamento, e depois se corrige afirmando que “ela é um relacionamento”. No episódio Ficando Juntas (T02E07), confuso com a fusão da personagem, Steven pergunta se ela deixa de existir quando se separa. Garnet então responde que o amor de Rubi e Safira a mantém unida, e que quando se desfundem, as duas incorporam este amor, assim Garnet sempre existirá dentro delas.

Além da revelação de que Garnet é Rubi e Safira, e das sugestões da personagem quanto a natureza de sua fusão, existem também outros episódios no qual ela se separa, mostrando enredos voltados para o relacionamento entre as duas. Em Motel Keystone (T02E11), Garnet viaja com Steven e com o pai do garoto. Chegando no hotel, a protagonista, incomodada com uma discussão que teve com Pérola, se desune porque Rubi não quer perdoar a amiga, enquanto Safira acha que devem deixar essa história para trás. Ao final do episódio, quando Steven confronta as gems sobre a briga, elas acabam se reconciliando, então Rubi levanta Safira no ar e beija seu pescoço (Figura 8). As duas então voltam a se fundir. Em um outro episódio, (Tacada Certeira - T03E05), um grupo de rubis inimigas invadem a Terra e Garnet se desfunde para que a sua Rubi se infiltre entre as antagonistas. Após Steven negociar com as invasoras, eles decidem resolver suas diferenças em um jogo de beisebol ao invés de uma luta física. A Rubi de Garnet, ainda infiltrada, joga pelo time inimigo para não comprometer o seu disfarce. Ao longo do jogo, Safira e a personagem não conseguem se concentrar no esporte que estão praticando por ficarem flertando uma com a outra. Em uma das sequências do jogo temos o seguinte diálogo:

Safira: *Oi, Rubi.*

Rubi e Safira riem

Rubi inimiga: *Strike um!*

Rubi: *Eu já não te vi em algum outro lugar antes?*

Safira: *Eu não sei, eu não saio muito desse planeta.*

as duas riem de novo

Rubi inimiga: *Strike dois!*

Steven: *O que está acontecendo? O que elas estão fazendo?*

Lápis Lazuli: *Flertando...*

Rubi inimiga: *Strike três! (tradução própria)*

Este conversa deixa evidente que o relacionamento das duas não pode ser interpretado apenas como uma amizade profunda. O tom de paquera que elas assumem no episódio confirma definitivamente que o amor, do qual Garnet tanto fala, é romântico, fechando assim as portas para qualquer interpretação alternativa em relação ao tipo de sentimento que Rubi e Safira tem uma pela outra.

Figura 8: Rubi (vermelha) beijando Safira (azul) após as duas fazerem as pazes.



Fonte: captura de tela realizada pelo autor no dia 10 jan. 2018.

Um dos episódios mais importantes, talvez, para consolidar a trajetória de Rubi e Safira como casal é A Resposta (T02E21), quando as duas se encontram pela primeira vez. No episódio, que se passa a mais de cinco mil anos atrás, Safira é mandada à Terra para trabalhar prevendo o futuro para as autoridades de Homeworld. Junto com ela são mandadas três soldados rubis a fim de servirem de guarda-costas. Quando a base onde se encontram é atacada, duas das guardas rubis são derrotadas e, quando Safira está prestes a ser atingida, a terceira rubi a empurra, se fundindo acidentalmente com ela. A fusão entre as duas é recebida com desprezo (o que será aprofundado quando falarmos de como o preconceito é tratado na série), uma vez que em Homeworld não é comum que duas gems com pedras diferentes se fundam. Rubi e Safira então fogem da base gem para a Terra, onde resolvem se fundir de novo. Unidas como Garnet, elas encontram Rose Quartz, e perguntam por que elas preferem ser isso (a fusão) do que ser o que deveriam ser. Rose responde que elas já sabem a resposta, e que é por causa do

amor que sentem. De acordo com Craig et al. (2015), jovens LGBT+ usam a mídia como um mecanismo para lidar com estressores, e imagens positivas de relacionamentos homossexuais são capazes de empoderar seus espectadores não-heterossexuais. Em A Resposta, as personagens enfrentam adversidades, ostracismo e ficam perdidas na Terra, para no final perceberem que o sentimento que tem uma pela outra é mais forte do que o destino que Homeworld oferecia a elas. O teor otimista do episódio é importante também para jovens heterossexuais aprenderem a respeito de minorias sexuais, já que eles também não estão sendo educados a respeito do assunto, fato que contribui para o crescimento de atitudes homofóbicas (KIELWASSER; WOLF, 1992). O episódio então, se mostra vantajoso para ambas as partes, que podem ver relacionamentos não-heterossexuais sendo apresentados de maneira leve e agradável, em contraste com como a mídia de massa geralmente os representa.

Outro episódio importante para o casal é Reunidos (T05E23/24), onde Rubi e Safira se casam oficialmente na série. Anteriormente, no episódio A Pergunta (T05E21), Rubi pede sua companheira em casamento (Figura 9), no que pode ser considerado o primeiro pedido de casamento entre personagens do mesmo gênero em desenhos animados (ROMANO, 2018). A cerimônia se passa na praia onde as gems moram, com Steven celebrando a união das duas. Os trajes que as noivas vestem também são bastante interessantes se comparados com as roupas que normalmente usam. Safira é mais estereotipicamente feminina do que Rubi, tanto na aparência quanto no comportamento. Porém, durante a cerimônia de casamento das duas, Rubi entra no local trajando o tradicional vestido branco, enquanto Safira a espera no altar vestindo um terno (figura 10-A). Essa inversão é importante para encerrar qualquer interpretação de que Rubi, por ter um comportamento pouco feminino, seria na verdade uma gem masculina, o que já foi refutado pela criadora da série, que afirma que todas as gems possuem leitura feminina (JONHSON, 2018). Ao terminarem seus votos, as duas se beijam graficamente (Figura 10-B), o que geralmente não acontece entre personagens do mesmo gênero em desenhos animados, que no máximo se utilizam de conotações para substituir símbolos de afeto homossexual, criando uma espécie de “armário interpretativo” (DOTY, 1993, p.XI). Segundo Rebecca Sugar, o casamento das duas vem sendo planejado desde 2016, já que em 2015, quando as personagens foram introduzidas na trama através do episódio Libertador, ainda não era legalizado que pessoas do mesmo gênero se

casassem oficialmente (ROMANO, 2018). Isso mostra como a legalização do casamento homoafetivo impactou o desenvolvimento da trajetória das personagens.

Figura 9: Rubi (esquerda) pedindo Safira (direita) em casamento.



Fonte: captura de tela realizada pelo autor no dia 29 set. 2018.

Figura 10: A) Rubi (esquerda) e Safira (direita) vestindo roupas estereotipicamente contrárias às que geralmente usam. B) Cena em que as duas se beijam ao final da cerimônia.



Fonte: capturas de tela realizadas pelo autor no dia 21 jul. 2018.

Pérola:

Pérola também é uma das protagonistas da série. Ela pode ser lida como uma personagem lésbica por conta das várias demonstrações de que possuía sentimentos românticos em relação a Rose Quartz. É importante lembrar que

Rose não é uma personagem habitual da série, já que ela teve que deixar de existir para Steven poder nascer, e aparece apenas em lembranças. Ao longo de vários episódios, Pérola fala de Rose de forma romantizada, dando a entender que não possuía pela colega apenas um sentimento de amizade. Mas é somente em A Espada de Rose (T01E45), que fica claro o afeto excessivo que sentia pela mãe de Steven. Nesse episódio, as Crystal Gems encontram a espada desaparecida de Rose. Ao perceber que a companheira de que tanto admirava escondia segredos dela, Pérola foge com a espada enquanto Steven a segue. Chegando à um local que, segundo ela, era especial para as duas, Pérola relembra a seguinte conversa que teve com Rose durante a guerra pelo planeta Terra:

Rose: *Pérola, eu vou ficar e lutar por esse planeta. Você não precisa fazer isso comigo.*

Pérola: *Mas eu quero!*

Rose: *Eu sei que quer. Por favor, entenda... se nós perdermos, seremos mortas, e se vencermos, nunca poderemos voltar pra casa.*

Pérola: *Por que eu iria querer ir pra casa se você está aqui?*

Rose: *Minha Pérola.*

Pérola: *Você é maravilhosa.*

(tradução própria)

Segundo Dennis (2009), muitas das amizades entre pessoas do mesmo gênero que vemos na mídia são intensas o suficiente para serem lidas como desejo homossexual. A princípio, é essa leitura que podemos tirar da relação entre as personagens, onde o sentimento não passa de uma indicação no texto da série. No entanto, em Temos Que Conversar (T02E08), fica confirmado que os sentimentos de Pérola são de natureza romântica. Nesse episódio, Greg conta a Steven sobre a vez que tentou (sem êxito) se fundir com Rose. Durante os *flashbacks*, vemos ambos os pais de Steven em uma performance musical enquanto Pérola observa de longe claramente enciumada. A fim de também causar ciúme em Greg, ela resolve se fundir com Rose. Quando a fusão termina, Pérola diz ao rapaz que ele nunca terá uma conexão com Rose tão forte quanto a que ela tem, numa tentativa de desencorajar o relacionamento entre os dois. A dança que Rose e Pérola fazem para se fundir pode ser considerado um dos momentos mais homossexuais da série pela proximidade entre as personagens durante a coreografia (Figura 11). Essa dança foi censurada em diversos países da Europa, incluindo Reino Unido, França,

Itália e Portugal. Um porta voz do canal Cartoon Network UK (Reino Unido), falou sobre a censura, afirmando que o sistema de transmissão do país é diferente do dos Estados Unidos, e que o canal sempre tenta limitar intimidade física independente do gênero dos personagens, como fez durante um beijo heterossexual no episódio Aventura na Ilha (T01E30), que também foi censurado (THURM, 2016). Porém, ainda no episódio Temos Que Conversar, Greg e Rose dançam igualmente próximos e depois se beijam, nenhuma dessas cenas foi cortada ou substituída.

Figura 11: Cena da dança entre Pérola (esquerda) e Rose (direita).



Fonte: captura de tela realizada pelo autor no dia 10 jan. 2018.

Com base nisso, podemos perceber que os sentimentos românticos de Pérola por Rose já podem ser entendidos como cânone, eliminando qualquer interpretação contrária. Pérola, ao longo de todos esses episódios anteriores ainda mantém e demonstra o que sente em relação a Rose, mesmo ela não existindo mais. O episódio Senhor Greg (T03E08) marca o fim do apego de Pérola pela personagem, quando ela finalmente aceita que Rose não voltará e que, por isso, precisa superar toda a história que houve entre as duas. Nesse episódio, a personagem viaja de férias com Greg e Steven, onde o garoto tenta harmonizar a relação entre seu pai e a gem, que nunca se deram muito bem por conta do passado de ambos com Rose. Chegando no hotel, Pérola resiste às tentativas de se

enturmar com Greg, mas acaba cedendo. Porém, quando Greg dorme, Pérola canta sobre como Rose a abandonou para ficar com ele:

*Eu estava bem com os homens
Que entravam na vida dela de vez em quando
Eu estava bem pois sabia
Que eles não importavam, até você
Eu estava bem quando você chegou
E nós brigamos como se fosse tudo um jogo bobo
Por ela, quem ela iria escolher
Depois de todos esses anos, nunca achei que eu perderia*
(tradução própria)

Nessa música, ficam claras duas questões: que Rose teve outros relacionamentos com homens humanos, fatos que nunca incomodaram Pérola, e que a personagem lutou, sem sucesso, pelos sentimentos de Rose.

Ao final da canção, Greg se mostra bastante abalado e culpado por Pérola estar magoada. Steven, então, tenta reconciliar os dois, os fazendo conversar sobre seus sentimentos. Durante a conversa, Greg afirma que sabia que Pérola tinha sentimentos por Rose quando os dois começaram a se relacionar, ao que a personagem diz não ser culpa dele. No final do episódio, os dois fazem as pazes e seguem em frente.

Passado o evento de superação de Pérola, a personagem se vê livre para se relacionar com outras pessoas, uma vez que, teoricamente, não tem mais sentimentos por Rose. É o que vemos no episódio Última a Sair de *Beach City* (T04E06), onde ela encontra uma garota humana por quem fica rapidamente fascinada. Nesse episódio, Steven resolve levar Pérola para um *show* musical. Ao pararem em um estabelecimento local para comprarem bebidas, Pérola se encanta por uma das clientes e, ao tentar conversar com ela, acaba ficando constrangida. Quando estão dirigindo rumo ao seu destino final, a mesma garota passa por eles de moto, o que leva Pérola a ultrapassar um semáforo vermelho para segui-la. O evento desencadeia uma perseguição policial da qual os protagonistas logo se livram, porém perdem a garota de vista. Eles, então, resolvem prosseguir para o *show*. Chegando lá, Pérola percebe que a garota também veio para o local, e decide finalmente falar com ela. Ao final, a garota misteriosa dá o seu número de telefone para Pérola, revelando as intenções sáficas da interação.

É importante, no entanto, salientar que a personagem a quem Pérola persegue possui cabelo cor-de-rosa e aspecto físico semelhante ao de Rose, questão que foi apontada por Steven durante o episódio. Isso sinaliza que, apesar de Pérola ter, em teoria, superado seus sentimentos pela mãe do garoto, ela ainda se deixa influenciar por Rose, mostrando uma certa obsessão por ela. Este episódio parece ser uma combinação de representatividades, tanto positiva quanto negativa. A parte positiva se dá pela leveza como o tema é abordado. Nenhum dos personagens acha estranho que Pérola esteja interessada em uma garota, e até comemoram quando ela consegue seu contato telefônico. Entretanto, a maneira obsessiva como Pérola é retratada pode não ser vista como favorável, o que pode levar a um falso entendimento em relação a mulheres lésbicas, e estimular comportamentos lesbofóbicos/homofóbicos. Ainda assim, é importante retratar os personagens, independente da sexualidade, de maneira a possuírem personalidades variadas. Se Pérola e as outras personagens lidas como lésbicas tivessem o mesmo tipo de conduta e caráter, se criaria um estereótipo sáfico unidimensional, como se todas fossem exatamente iguais. De acordo com Evans (2007), os personagens LGBTQ+ ainda são representados de maneira vazia, sem explorar seus múltiplos aspectos individuais. Isso passa ao espectador uma mensagem de que este grupo de pessoas se encaixa em um padrão estereotípico, e torna impossível que grande parte dessa minoria se identifique com os personagens.

Personagens menores:

Ainda seguindo o pensamento de Evans (2007), de que os personagens LGBTQ+ são caracterizados de forma unidimensional, e que este grupo de espectadores “deseja ver representações mais realistas e diversas de gays e lésbicas na televisão” (EVANS, 2007, p.13, tradução própria), podemos observar ainda personagens secundários em SU que, apesar de não aparecerem tanto quanto os protagonistas, podem se encaixar em uma leitura homossexual.

Muitas dessas pequenas manifestações são resultado de como as gems não compreendem precisamente como funciona o sistema binário de gênero humano. Um dos episódios onde isso é retratado é Diário de Bordo 7 15 2 (T02E25). Aqui a personagem Peridot (gem) começa a acompanhar um seriado de televisão pelo qual logo fica obcecada. Ao contar para Steven sobre uma análise do programa que

escreveu, ela relata que dois garotos da série formariam uma dupla muito superior. Steven a questiona a respeito de um deles estar apaixonado por uma personagem feminina, ao que Peridot prontamente ignora. Mais tarde no episódio, ela confronta Garnet a respeito de sua fusão, perguntando por que ela fica fundida o tempo todo. Garnet responde que ela é como os dois personagens da série de Peridot, que logo entende o que ela quis dizer. Essa comparação entre Garnet e os garotos do seriado nos permite perceber que Peridot fazia uma interpretação romântica dos personagens. Outra pequena representação de símbolos homossexuais pode ser visto em Colheita de Gem (T04E08/09), quando as Crystal Gems tentam agradar um tio de Steven lhe trazendo presentes relacionados a cultura terráquea. Um desses presentes é um bolo de casamento (Figura 12) com diversos noivinhos em cima. Podemos ver aqui que alguns dos noivinhos estão sozinhos e outros estão formando casais, tanto homem/mulher, quanto mulher/mulher e homem/homem. A configuração de toda essa cena de intuito cômico é envolvida na suposição de que as gems, como seres do espaço, não conhecem as tradições da Terra. A estranheza do ato está, não nos diferentes casais formados pelos adereços, mas na prática incomum de se ter um bolo de casamento fora de um casamento.

Figura 12: Bolo de casamento com noivinhos de topo formando casais heterossexuais e homossexuais.



Fonte: captura de tela realizada pelo autor no dia 18 jan. 2018.

Além dessas demonstrações, que são menos evidentes, temos também personagens menores que podem ser interpretados como tendo relacionamentos homossexuais ou desejo para o mesmo. No episódio O Zoológico (T04E14), vemos uma situação clara de desejo homossexual. A trama do episódio gira em torno de Steven e seu pai, que tentam fugir de um zoológico espacial onde as gems da elite de Homeworld mantém humanos em cativeiro a várias gerações. Durante o episódio, Greg é convocado para um ritual do zoológico chamado A Escolha, onde casais são sorteados para ficarem juntos. Quando uma das habitantes é sorteada para ele, Greg tenta explicar que na Terra os relacionamentos não são formados assim, as pessoas escolhem com quem querem ficar. Ao ouvirem isso, todos os habitantes, homens e mulheres que desconhecem qualquer outra realidade além do ambiente controlado do zoológico, dizem escolher Greg. Ao longo do ritual, nenhum casal do mesmo gênero foi convocado, porém a urgência dos habitantes masculinos ao também desejarem se relacionar com Greg mostra que, talvez, vínculos homossexuais não seja incomuns naquele local.

Em outro episódio, Descoloridas (T05E03), Steven vai para Homeworld e acaba conhecendo um grupo de gems fugitivas que se escondem por serem consideradas imperfeitas. Entre essas gems estão Rodonita, que é uma fusão entre uma rubi e uma pérola, e Fluorita, fusão entre seis gems variadas. Ambas são marginalizadas por serem uniões entre gems diferentes, assim como Garnet. Fluorita, além disso, parece ser uma representação de poliamor, estrutura romântica onde relacionamentos são formados por mais de duas pessoas. A criadora da série, Rebecca Sugar, confirma que essa é realmente a natureza da fusão (BROWN, 2017), expondo um tipo de representatividade que não é muito usual na mídia de massa. O desenho, no entanto, não usa apenas fusões entre gems diferentes para simbolizarem relacionamentos homossexuais, apesar de apenas essas serem vistas com desprezo pelo planeta natal. Alguns episódios antes, em Presos Juntos (T05E01), vemos duas personagens com a mesma pedra que se utilizam de fusão para ficarem mais próximas, revelando intenções românticas por trás da união. Essa fusão, contudo, não é questionada por Homeworld e, por isso, não traduz as intolerâncias sofridas por casais homossexuais.

3.2.2. Preconceito

Como já mencionado anteriormente, fusões podem ser metáforas para relacionamentos amorosos, e uniões entre duas gems diferentes não são bem vistas pela comunidade alienígena de Homeworld, sendo análogas a relações homossexuais em nossa sociedade. A primeira aparição desse pensamento relativo aos preconceitos de Homeworld está em uma breve passagem no episódio Longe Demais (T02E20). Aqui vemos uma interação entre Garnet e Peridot, recém chegada do espaço e desfamiliarizada com os costumes da Terra e das Crystal Gems. Nessa interação, Peridot pede para que Garnet se divida, já que a atípica fusão a deixa desconfortável. É somente no episódio seguinte, A Resposta, que temos a confirmação de que essa é uma ideia coletiva do povo de Homeworld. Quando Rubi e Safira se unem pela primeira vez, todas as gems ao seu redor demonstram repúdio pelo acontecido, esbravejando que aquela fusão era “sem precedentes”, “inacreditável” e “nojenta”. Essa rejeição leva as duas a fugirem e darem sequência a seu relacionamento na Terra.

Apesar de afirmarem em A Resposta que este tipo de fusão era um ato nunca antes visto, em Descoloridas nos são apresentadas duas personagens que vivem em Homeworld e existem em situação similar a de Garnet. Essas gems, no entanto, são consideradas fora-da-lei pela sociedade do planeta, e vivem escondidas a fim de não serem pegadas e destruídas pelas autoridades locais. Todas essas fusões, incluindo Garnet, são retratadas de forma positiva, que lutam pelo “lado do bem”. Isso é importante pois desenvolve a empatia por parte dos espectadores, e facilita a transmissão da mensagem de que é errado marginalizar pessoas por conta do tipo de relacionamento em que estão. De acordo com Chung (2007), essas imagens fornecidas pela mídia podem ter valor pedagógico, pois oferece às pessoas uma perspectiva dos problemas enfrentados por lésbicas e homens gays e aumenta a consciência a respeito das vítimas dessas violências.

“A ideia de ‘tornar queer⁶ a televisão’ não vem por si só, mas pelo potencial de contribuição que ela pode fazer para as políticas culturais” (CHAMBERS, 2009, p.23, tradução própria). Nesse contexto, é importante analisar as contribuições que

⁶ Termo usado para designar pessoas gays, lésbicas, bissexuais, pansexuais, assexuais, transgêneras, transexuais, não-binárias, etc. Em outras palavras, queer é uma termo que pode ser usado para indicar qualquer indivíduo não-heterossexual e/ou não-cisgênero.

um filme ou programa de televisão podem oferecer a fim de descobrir que aprendizados a sociedade pode tirar do conteúdo apresentado. Embora avanços em relação ao número de personagens LGBTQ+ tenham sido feitos nas últimas décadas, a qualidade dos personagens ainda deixa a desejar. As imagens de lésbicas e gays na televisão aparecem muitas vezes em estereótipos que não abrangem a individualidade de todo um grupo. Quando fogem desse padrão, entram em uma homossexualidade definida pela heterossexualidade, o que é igualmente prejudicial tanto para as identidades quanto para suas políticas (STEINER; FEJES; PETRICH, 1993). O desejo por representatividade está presente em qualquer minoria que não se vê com frequência na mídia e, de acordo com Gross (1991), jovens gays que se sentem isolados encontram solidariedade em qualquer personagem de TV que os identifique, independente se é apresentado de forma positiva ou negativa. A constante colisão, porém, com imagens negativas pode ter impacto na auto-estima dos espectadores, uma vez que muitos deles usam a mídia como fonte primária de informação (STEINER; FEJES; PETRICH, 1993; GROSS, 1991), principalmente no processo inicial de formação de suas identidades (COLLIER; LUMADUE; WOOTEN, 2009).

Em Steven Universo, vemos muitas representações de personagens lésbicas e insinuações de desejo homossexual, como mostrado anteriormente. A série proporciona figuras variadas, com diferentes personalidades e mostrando as capacidades e dificuldades de cada personagem. O diferencial aqui está na maneira como a animação contorna e aplica os estereótipos. Segundo Evans (2007), muitas pessoas gays aparentam aspectos estereotípicos, porém essa é a única imagem mostrada pela mídia dominante para retratar o grupo inteiro, dando aos espectadores uma visão incompleta dessa comunidade. Enquanto Rubi, uma das gems que formam Garnet, pode ser lida como um estereótipo masculino de lesbianidade, as demais representações são multiformes. Isso abre um leque de imagens que possibilita que mais pessoas se identifiquem, ou percebam a individualidade da essência homossexual. Apesar das contribuições em número e diversidade, as imagens em Steven Universo não são de um todo positivas. Aparte de como Pérola é mostrada muitas vezes desenvolvendo comportamentos obsessivos, uma outra circunstância chama a atenção. Em muitas cenas, vemos as protagonistas Garnet, Pérola e Ametista executando entre si danças de fusão que parecem sexualizadas demais para um programa infantil. Este tipo de

representação preocupa os espectadores homossexuais, pois facilita que o público geral assuma que essas figuras representam toda a comunidade gay (EVANS, 2007). As cenas em que isso acontece, porém, são raras, e não se dá importância a elas dentro do texto da série.

São evidentes as contribuições do protagonismo lésbico na série, uma vez, também, que na mídia dominante personagens LGBTQ+ são geralmente secundários ou ocasionais, que vivem estritamente em um ambiente heterossexual (STEINER; FEJES; PETRICH, 1993). A animação traz a tona, além disso, a discussão dos preconceitos sofridos por este grupo, usando símbolos da cultura alienígena da série como metáfora a homofobia. A ideia disseminada pela sociedade fictícia de Homeworld de que gems diferentes não devem se fundir lembra muito os discursos homofóbicos que defendem que “iguais não devem se relacionar”. De acordo com Kellner (2001), a mídia de massa pode desempenhar um papel negativo como pedagogia quando reproduz os preconceitos, mas também pode ser benéfica quando assume “os interesses dos grupos oprimidos” (p.13), mostrando suas lutas e suas vitórias. É de interesse, portanto, que sejam expostos os preconceitos sofridos por pessoas homossexuais na nossa sociedade, já que vivemos em uma cultura colonizada pela maioria, onde, até mesmo os que não fazem parte dela, absorvem seus valores excludentes (GROSS, 1991). Ao se representar as dificuldades do grupo e, ao mesmo tempo, humanizar os indivíduos envolvidos, começam-se os avanços mediados por empatia, rompendo as normas que oprimem esta categoria minoritária.

Por fim, a mídia de massa oferece imagens que podem informar a respeito das diversas identidades sexuais, imagens essas que nem sempre são positivas ou autênticas para representarem a cultura homossexual. A diversidade de personagens cisgêneros e heterossexuais é muito maior do que a de personagens LGBTQ+, tornando, assim, muito mais importante a maneira como são escritas essas representações (EVANS, 2007). Não seria desse jeito, porém, se a mídia não fosse quase exclusivamente heterossexual (CHAMBERS, 2009), criando assim uma ideia de superioridade dominante que só ajuda a difundir os preconceitos contra quem não se encaixa na cis/heteronormatividade. Enquanto o cenário não muda, as minorias sexuais se veem obrigadas a se apegarem às representatividades que encontram, e as figuras de Steven Universo podem se mostrar vantajosas na busca por se serem reconhecidos.

3.3. ASSÉDIO

A conduta indesejada que tem como objetivo constranger e deixar a vítima desconfortável é chamada de assédio. Segundo American Heritage Dictionary (2018b), assédio é submeter uma pessoa à comentários ou ações hostis ou prejudiciais, pressionando e intimidando o sujeito à quem são direcionados. Uma das formas de assédio é conhecida como assédio sexual, e visa perturbar e afetar a dignidade da vítima, assim como tirar vantagem sexual dela. No Brasil, o assédio sexual é previsto como crime pelo Art. 216-A do Código Penal, definindo o ato como constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, onde se prevalece a posição hierárquica superior do perpetrador (BRASIL, 1940). Nesse caso, o artigo abrange apenas assédio sexual em ambientes de trabalho, os comportamentos indesejados fora desse espaço eram tratados pelo Art. 61 das Leis das Contravenções Penais (BRASIL, 1941), mas foi revogado recentemente e substituído pela Lei Nº 13.718, de 24 de Setembro de 2018. Essa lei inclui no Código Penal o Art. 215-A, que prevê como importunação sexual a prática de “ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro” sem o consentimento da pessoa à quem o ato é dirigido (BRASIL, 2018). A importunação, portanto, com o objetivo de tirar vantagem e ofender a dignidade da vítima é tido como crime no Brasil, podendo ter como pena de um a cinco anos de reclusão, caso o ato não venha a constituir um crime mais grave.

Nas últimas décadas, fica evidente o aumento do número de mulheres representadas na mídia em papéis não estereotípicos. Muitos estudos relatam essa mudança e crescimento, porém poucos investigam a extensão das exposições de assédio sexual na televisão (GRAUERHOLZ; KING, 1997). Muito se discute a gravidade de casos de estupro mostrados na mídia, trivializando ocorrências consideradas não tão sérias, e muitas vezes até romantizando quando um personagem masculino persegue e/ou invade o espaço de uma mulher. Nesses casos onde uma perseguição persistente é retratada como algo romântico, muitas vezes o perseguidor alcança o objetivo de conquistar a mulher, mesmo ela o rejeitando várias vezes ao longo da trama. Segundo Lippman (2015), este tipo de comportamento tende a ser visto de forma positiva se o perpetrador é recompensado no final. Outro obstáculo em retratar assédio sexual na mídia está em como muitos desses atos falham em ser descritos como abuso dentro do próprio

enredo. Variadas são as ocorrências onde interações indesejadas entre personagens, que se fossem na vida real seriam classificadas como assédio, não são assim rotuladas pelos criadores ou pela reação dos sujeitos fictícios (GRAUERHOLZ; KING, 1997). Existe, portanto, uma normalização de assédio sexual na mídia. De acordo com Grauerholz e King (1997, p.135, tradução própria), “o horário nobre está repleto de tensão sexual, e muitas dessas interações podem ser descritas como ofensivas e até assediosas.”. Ainda segundo as autoras, esses comportamentos são invisibilizados na maioria das vezes, muitas delas recorrendo ao humor para suavizar sua gravidade. Essa representação, de que tais importunos não são tão preocupantes, pode passar para o público a mensagem de que assédio não é um assunto tão sério, ou até que a vítima exagera ao protestar o mesmo.

Em *Steven Universo*, vemos um caso onde Kevin, personagem secundário da série, assedia Stevonnie em uma festa. O episódio em que isso acontece é *Juntos e Sozinhos* (T01E37), onde vemos a primeira aparição da personagem Stevonnie. Como já comentado anteriormente, Stevonnie é uma fusão entre Steven e sua amiga humana Connie, e por isso pode-se considerar que seu gênero é não-binário, já que não pode ser classificado dentro da binariedade mulher/homem. Apesar disso, a personagem apresenta uma leitura mais predominantemente feminina, e pode apresentar essa percepção para os personagens da série que não conhecem a fusão. No episódio em questão, Stevonnie vai em uma festa com a finalidade de dançar e se divertir. Chegando lá, Kevin, um dos convidados, se junta a dança de Stevonnie sem ser convidado, deixando a fusão claramente desconfortável. A personagem então se afasta, ao que Kevin a segue, insistindo para que Stevonnie volte a dançar com ele. Ao ver que as tentativas do garoto não cessariam, a fusão cede e volta para a pista de dança, onde o enfrenta. Enquanto dança, Stevonnie se desfunde e volta a ser Connie e Steven, fazendo Kevin parar de importuná-los e ir embora. Durante todo o acontecido, nenhum dos presentes parece notar, ou manifesta alguma reação, o que é comum quando cenas de assédio são representadas na televisão (GRAUERHOLZ; KING, 1997). Podemos perceber, também, que Kevin lê Stevonnie como uma jovem mulher por conta da frequência com que ele usa os termos “garota” ou “*babe*” (querida, do inglês) para se referir a personagem. É importante ressaltar que, em seu levantamento sobre assédio na televisão, Grauerholz e King (1997) descrevem que a palavra *babe* é muito usada por homens ao abordarem mulheres de maneira assediosa.

No episódio Corrida em Beach City (T03E11), Kevin aparece novamente. Ao ver ele, Steven se mostra visivelmente perturbado. O pai do garoto então pergunta a ele e a Connie como conheceram Kevin. As crianças respondem que foi quando estavam unidos em Stevonnie:

Connie: *Ele ficou pedindo para dançarmos com ele, mesmo a gente dizendo 'não'. Foi realmente... desconfortável.*

Steven: *Ele nem se importou com como nós nos sentíamos!*

A maneira como Connie e Steven descrevem o ocorrido faz lembrar muito falas clássicas de vítimas de assédio, dando ênfase em como Kevin não acatou a negativa deles.

Durante o episódio, as crianças resolvem se fundir e enfrentar Kevin, desafiando-o para uma corrida de carro a fim de se vingarem e derrotá-lo em algo que ele é gosta. O garoto provoca Stevonnie ao longo de toda a corrida, o que leva a personagem a se questionar a respeito da verdadeira razão de estar competindo. A fusão decide terminar o percurso independente do resultado, superando a raiva que sentia por Kevin quando começou a corrida. Stevonnie perde, mas não se deixa afetar. Já o garoto se mostra abalado pela apatia da personagem, que não manifestou a reação apropriada para que ele se sentisse superior. A maneira como Kevin se sente perturbado por não poder se vangloriar a respeito de sua vitória em cima de Stevonnie, pode ser considerado uma punição para o seu comportamento em Juntos e Sozinhos, reforçando a maneira negativa como os espectadores devem interpretar o assédio (LIPPMAN, 2015).

No episódio Festa do Kevin (T05E10), o personagem volta aparecer, ainda se mostrando obcecado por Stevonnie. Ele resolve ajudar Steven a se reconciliar com Connie, já que os dois haviam brigado alguns episódios antes. A ajuda de Kevin não é, porém, sem motivo. Ele precisa que Connie e Steven voltem a ser amigos para que Stevonnie possa aparecer. Todos os conselhos que Kevin dá a Steven fracassam, mas as crianças acabam conversando e fazendo as pazes. Após a reconciliação, os dois vão embora sem formar Stevonnie como Kevin tanto queria, de novo não o recompensando por seus comportamentos anteriores.

Um outro episódio que podemos encaixar nessa temática é Ficando Juntas (T02E07). Aqui não temos uma cena de assédio propriamente dita, mas uma lição a

respeito de consentimento. Nesse episódio, Steven e Garnet encontram um grupo de gems que estão sendo forçadas pelas líderes de Homeworld a se fundirem umas com as outras. Garnet, sendo uma fusão, se mostra muito abalada e diz que aquelas gems não deram permissão para serem colocadas nessas circunstâncias. Se usarmos a analogia de que a fusão representa um relacionamento amoroso, é como se o planeta estivesse forçando gems a se relacionarem entre si, violando suas existências sem levar em consideração suas vontades. Garnet enfatiza como é errado o que Homeworld está fazendo, e que forçar uma fusão tira o poder de escolha das gems envolvidas. O episódio consegue abordar tópicos como consentimento (e se extrapolarmos um pouco, estupro) sem tornar o conteúdo sexual, se adequando à termos e enredos que o público infantil consegue entender.

Segundo Grauerholz e King (1997), a maneira como assédio sexual é representado na mídia dominante pode passar a mensagem de que essas ações não são tão sérias, já que as vítimas muitas vezes não são afetadas ou ignoram o ocorrido. Não é o que vemos no caso de Stevonnie em Steven Universo, que reage ao agressor e demora para se recuperar de suas investidas. A ação de se manifestar contra o assédio pode passar a mensagem positiva de que as vítimas não são recipientes vazios que aceitam passivamente este tipo de conduta inadequada (GRAUERHOLZ; KING, 1997). A maneira como Stevonnie se mostra perturbada pelo acontecido também pode transmitir um ensinamento favorável, dada a empatia que o público pode sentir pela personagem. De acordo com Lippman (2015), a percepção que os espectadores tem da vítima e do ofensor pode influenciar no modo como veem situações de assédio. Nesse caso, por Stevonnie ser uma fusão envolvendo o protagonista da série, o público está mais inclinado a ter sentimentos positivos em relação a personagem, fazendo com que vejam a importunação sofrida por parte de Kevin de forma negativa.

Situações de assédio mostradas na mídia, se não forem representadas como algo ruim, podem contribuir com a tolerância no que diz respeito à essas condutas (GRAUERHOLZ; KING, 1997). A seriedade de ações como assédio sexual, perseguição e importunação geralmente é aliviada com humor em filmes e programas de televisão. São comuns filmes de comédia romântica com enredos baseados em personagens masculinos que não desistem de abordar seus interesses românticos até que elas cedam e concordem em se relacionar com eles. Este tipo de perseguição só é tratada de maneira negativa em filmes de drama ou

suspense. Esses gêneros geralmente mostram os efeitos do assédio sobre a vítima e não recompensam os perpetradores, contribuindo para que o público crie julgamentos prossociais (LIPPMAN, 2015). Por conta disso, a análise de como a mídia retrata interações sexualmente ofensivas se mostra importante, porque, segundo Grauerholz e King (1997), elas podem contribuir para a minimização ou encorajamento de agressões de gênero, e nos ajudar a reconhecer as formas de violência que as mulheres encontram em suas vidas.

3.4. FAMÍLIA

Outro tópico que pode ser abordado dentro do desenho são os modelos não-tradicionais de família. Chambers (2009) usa o dicionário para descrever família como dois pais unidos pelo casamento e seus filhos de sangue, em um modelo que chamou de “sanguinupcial” (CHAMBERS, 2009). No episódio Jantar em Família (T01E32), Connie dá uma definição bem parecida quando explica para Steven o que é uma família nuclear, falando que consiste de “dois adultos e seu filho e/ou filhos” (tradução própria). Nesse episódio, Steven precisa levar sua família para um jantar com os pais de Connie depois de a menina ter mentido sobre a estrutura familiar do garoto, dizendo que ele morava com sua mãe e seu pai. Steven então, não se decidindo sobre qual das gems levar para o restaurante, resolve levar as três fundidas em Alexandrite, uma mulher gigante com três pares de braços e duas mandíbulas. A necessidade que Connie sentiu de mentir para os pais sobre a formação familiar de Steven pode ser explicada pela família da própria garota. O entendimento sanguinupcial de família que Chambers descreve depende da heteronormatividade (CHAMBERS, 2009). Por viver em uma família composta por uma mãe e um pai geneticamente ligados a ela, Connie achou que uma família não nuclear e não heterossexual seria rejeitada por seus pais e eles não a deixariam mais ver Steven. Ao final do episódio, quando é revelado que Steven tem três guardiãs, a mãe de Connie admite que estava cética quanto a estranha estrutura familiar dele, mas percebeu que são responsáveis apesar de diferentes.

A família de Steven não é tradicional, ele vive com suas três guardiãs com quem aprende suas vocações de gem e descobre seus super-poderes. Sua mãe, como já mencionado, desistiu de sua forma física para que ele pudesse nascer, e seu pai não reside com ele, pois tenta ficar longe das aventuras mágicas do filho. Porém, para repensar o modelo de família não basta apenas criar alternativas ao modelo antigo, é preciso encontrar um novo conceito para definir e dar um novo significado à família (CHAMBERS, 2009). Porém, a família mais próxima de Steven, apesar de não-tradicional, falha em redefinir conceitos. No episódio Chille Tid (T02E09), quando Steven tenta se comunicar com uma amiga enquanto dorme, ele sonha com uma cena que faz referência a séries de comédia de situação. Nessa cena, Pérola prepara Steven para um baile da escola, se mostrando animada por

ele de um jeito que uma mãe faria. Enquanto ela arruma sua gravata, Ametista desce as escadas de *skate* e Pérola a repreende. O comportamento de Ametista remete o de uma irmã mais velha, e não de uma guardiã como era de se esperar. As duas saem de cena e a campainha toca. Quando Steven atende, ele se depara com Garnet e começa a contar para ela sobre o baile, e ela dá um conselho a ele “não faça nada que eu não faria”, o que pode ser visto como uma postura que lembra a de uma tia, que não é tão maternal e protetora quanto a de Pérola mas também não é tão irresponsável quanto a de Ametista. Isso sugere que Steven vê suas guardiãs como alternativas a posições familiares que já existem em nossa sociedade, o que não representa uma transgressão ao conceito de família.

Apesar de as guardiãs parecerem ter funções familiares bem definidas, devemos levar em consideração que Steven convive com ela desde que nasceu. No desenho, porém, a redefinição do conceito de família existe e pode ser observado quando se analisa a relação das personagens Peridot e Lápiz LázuLi com o protagonista. Elas são refugiadas de Homeworld e, ao contrário das Crystal Gems, não tem nenhum envolvimento na criação de Steven. Porém, no episódio Colheita de Gem (T04E08/09), quando um tio conservador de Steven aparece e tenta expulsá-las do celeiro de seus parentes, ele intervém por elas, fazendo-o admitir que elas também são parte da família. Apesar da amizade intensa que Steven tem com Lápiz e Peridot, essa é a primeira vez que ele menciona que as vê como parte de sua unidade familiar. Esse novo modelo, segundo Chambers (2009), não é necessariamente uma escolha. No caso das duas personagens, sua estadia na Terra foi circunstancial e elas não podem voltar para Homeworld. Por conta disso, se envolveram no círculo familiar de Steven, onde não existe ligação de sangue, de matrimônio e não pode ser reduzida a escolha, mas à um compromisso e uma obrigação (CHAMBERS, 2009), como vemos em vários episódios quando as duas se juntam às Crystal Gems para defender a Terra.

Paralelamente, temos também outras constituições familiares importantes de serem mencionadas no desenho. Apesar de termos um considerável número de famílias nucleares, como a família da Connie, outras possuem uma estrutura que não segue esse padrão. É o caso da família Fryman, formada por um pai e seus dois filhos. Ou a família Pizza, constituída por uma avó, seu filho, e suas duas netas. Outra família não nuclear é a do prefeito Dewey, que vive sozinho com seu filho, composição familiar parecida com a da família Miller, constituída por apenas uma

mãe e uma filha. Conforme referencia Murray (1993), essa representação diversa de conformações familiares deve ser encorajada, uma vez que uma audiência jovem é influenciada pelas famílias que veem na televisão. Esse tipo de estrutura familiar, mais comum em contraste com a família mágica de Steven, também é importante para assentar um sentido de realismo para o público mais jovem, já que tem grande probabilidade de ser encontrada na vida real (DOUBLEDAY; DROEGE, 1993). Ao proporcionar esses modelos alternativos e, ainda mais importante, que podem ser encontrados no dia-a-dia, a série de animação funciona como uma forma de espelho para que crianças que não se encontram em famílias nucleares possam ter suas experiências familiares refletidas e legitimadas.

4. CONCLUSÃO

A mídia *mainstream* oferece imagens e símbolos que podem vir a moldar nossa percepção da realidade. Gerbner (1998) usa o termo “cultivo” para descrever as concepções independentes que a televisão pode trazer para a visão de realidade social dos seus expectadores. A teoria do cultivo diz que quanto mais uma pessoa assiste TV, mais inclinada ela estará a acreditar na realidade social representada pelos filmes e programas. Esses programas, no entanto, seguem uma norma. A televisão é feita para grandes públicos heterogêneos, o que leva ao planejamento de mensagens que incomodam o menos possível (GERBNER, 1998). É assim que programas televisivos perpetua uma norma. O status de norma depende da reprodução diária do conteúdo considerado normal (CHAMBERS, 2009). Segundo Chamber (2009), não devemos pensar na televisão como uma representação fiel da realidade, e sim como uma prática cultural que produz e reproduz o que consideramos padrão relativo aos gêneros e sexualidades que vivemos na sociedade.

Os seriados e filmes que assistimos nos mais diversos formatos e plataformas influenciam em como vemos o mundo. As lições que aprendemos desde a infância através da mídia são bastante propensas a se tornarem base para nossos valores, ideologias, perspectivas, suposições e crenças (GERBNER, 1998). Por isso é ressaltada a importância de programas televisivos que fogem do *mainstream*. Os mesmos grupos sendo representados sempre da mesma maneira colaboram para a criação de estereótipos. A inclusão de *tokens* ou personagens secundários que não tem tempo de tela suficiente para que os espectadores criem empatia também são de pouca ajuda, pois coloca os membros desses grupos em plano de fundo, e moldam a imagem de que também não são importantes na vida real.

Em Steven Universo, vemos uma série de personagens, tanto secundários como protagonistas, que não se encaixam necessariamente a cis/heteronorma que é tão reproduzida na mídia dominante. Desde os primeiros episódios, vemos super-heroínas lutando contra os vilões, tendo a capacidade de se defenderem por si próprias, com diferentes tipos de corpos e personalidades. Vemos também personagens femininas desempenhando as mais diversas funções e emoções, não apenas aquelas que são esperadas desse tipo de personagem. No geral,

personagens masculinos são mais apresentados manifestando emoções, mesmo que as mulheres sejam representadas como mais emotivas (MARTIN, 2017). A explicação para isso, de acordo com Martin (2017), é que esses personagens compreendem um maior número de protagonistas, por isso estão mais envolvidos na narrativa e são mais inclinados a responder emocionalmente aos acontecimentos. Em Steven Universo, este protagonismo se inverte. Mais personagens femininas ocupam papéis de destaque, por conta disso lidam com mais situações se comparadas as personagens de outros programas. Vemos então, que na série abordada, são resolvidos os problemas tanto de quantidade quanto de qualidade, que o protagonismo feminino geralmente encontra.

As masculinidades também são redesenhadas na série Steven Universo. O principal exemplo é o personagem que dá nome ao programa. Steven é um garoto sensível, que gosta de ajudar os outros e se opõe à violência. Way et al. (2014), durante sua pesquisa sobre a resistência às normas de masculinidade na adolescência, encontra uma situação onde o estereótipo de personagem masculino perpetuado pela mídia é mencionado. Um dos entrevistados diz ter dificuldades para demonstrar emoções, pois aprendeu com a TV que os homens nunca o fazem. Ele ainda responde que se fosse uma garota provavelmente seria mais emocional e expressaria mais suas emoções (WAY et al., 2014). Essa sobrecarga de imagens hiper-masculinizadas dos heróis e protagonistas masculinos se prova prejudicial para crianças e jovens, que vão absorver essas informações e tentar reproduzi-las. A maneira como a mídia e a sociedade produzem o padrão é violenta e está diretamente ligada à saúde mental dos nossos jovens.

Além disso, o personagem Steven não é o modelo de corpo que vemos em protagonistas de desenhos de ação. No geral, os meninos são magros ou atléticos, as variações de corpos sempre vem em outras categorias de animação. Heróis nunca são representados acima do peso, este espaço está reservado para alívios cômicos e vilões. Segundo Towbin et al. (2003), personagens masculinos acima do peso geralmente são representados como lentos e pouco inteligentes, com foco excessivo por comer. Essas imagens trazem a noção de esses corpos são, no geral, menos eficientes, como se todas as pessoas magras conseguissem efetuar as proezas realizadas pelos heróis, dando a entender que o problema está em um tipo físico específico.

O papel dessas abordagens é desconstruir e reconstruir a imagem feminina e masculina na mídia. De acordo com Louro (2013), “uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente”. Programas de TV, ao representarem personagens femininos e masculinos de modo a subverter a concepção hegemônica do que é ser cada um, expandem as perspectivas do público a respeito desses sujeitos. Tem se então a ruptura dessas concepções que dizem que indivíduos não são verdadeiramente mulheres e homens se vivem suas feminilidades e masculinidades variantes a norma (LOURO, 2013). Além disso, a série traz uma personagem que não se encaixa especificamente a essa categorização binária. Stevonnie, que é uma fusão entre personagens de ambos os gêneros binários, tem uma leitura a princípio feminina. Porém, essa interpretação vai se estreitando à medida que novas características vão surgindo. A identidade da personagem possui atributos estereotipicamente femininos e masculinos, assim como sobreposições e transgressões, a ponto de não se saber quais dos traços pertencem a Steven e quais pertencem a Connie. Ambos os personagens não são estereotipados, o que cria na união deles, uma individualidade que só pode ser adequada a uma categoria totalmente nova, no caso descrita como “uma experiência”.

Os símbolos e personagens homossexuais também são amplamente representados em Steven Universo. A importância desse tipo de conteúdo se dá por conta do aprendizado que o público de todas as sexualidades podem adquirir. As imagens passadas pela série podem contribuir para o aumento da tolerância política, e diminuir o sexismo e heterossexismo (GARRETSON, 2015). Além disso, o público LGB ganha representatividade com que se identificar. Grande parte dos adolescentes não-heterossexuais busca na mídia por personagens que correspondam a suas identidades (EVANS, 2007). Por se tratar de um desenho animado voltado para o público infantil, mas que também pode ser pertinente a adultos, a temática é trazida de uma maneira mais leve do que em programas adultos. A série traz uma variedade de personagens e manifestações homossexuais, abrindo um leque muito maior do que as imagens oferecidas pela mídia dominante, que geralmente faz uso apenas de estereótipos. Conforme verificou Evans (2007), falta de contato com representações positivas pode levar adolescentes a não se sentirem à vontade expressando suas sexualidades. Ele

constatou, ainda, que alguns adultos que não tiveram este contato concordam que ver personagens como eles na televisão teria ajudado a se sentirem mais confortáveis com suas identidades sexuais (EVANS, 2007). O valor dessas imagens é de notável relevância, especialmente para jovens desenvolvendo suas sexualidades. Adolescentes e jovens adultos tem menos experiência de vida, e a concepção de homossexualidade que veem em filmes e programas de televisão pode ser a única com a que vão ser expostos. As pessoas tem necessidade de esclarecer dúvidas sobre suas identidades, diminuir o sentimento de isolamento e desenvolver um senso de comunidade, e as imagens encontradas nas mídias podem colaborar para esses objetivos (COLLIER; LUMADUE; WOOTEN, 2009). A falta de proximidade dessas temáticas em seus meios sociais e culturais contribui para o isolamento desses jovens, que reprimem suas sexualidades e se tornam invisíveis para a sociedade (KIELWASSER; WOLF, 1992).

A juventude LGBT+ frequentemente lida com problemas de saúde mental como depressão e ansiedade, muitas vezes por conta da violência e estigmatização de suas identidades (CRAIG et al., 2015). A mídia, como forma de entretenimento, trabalha com o potencial de diminuir alguns desses sinais. A representação de personagens LGBT+ oferece aos espectadores oportunidades de escapismo, de se sentir validado e pertencente a uma comunidade (CRAIG et al., 2015). E os desenhos animados, em especial, tem a capacidade de “aprimorar o desvelamento e a representação para a inclusão do indivíduo na sociedade e na formação de sua identidade”, por conta das ideologias neles contidas, que são de grande importância para o desenvolvimento infantil (SILVA; GOMES, 2009, p.41). As imagens, então, reproduzidas na série Steven Universo contribuem para o desenvolvimento da identidade, beneficiando os espectadores que se veem representados pelos personagens e validando suas experiências.

De acordo com Kellner (2001), as imagens e sons produzidos pela mídia atuam como forma de lazer, mas também moldam os pensamentos sociais e opiniões, fornecendo material para a construção das identidades. Os modelos fornecidos por filmes e programas de televisão ensinam como ser mulher/homens, além de construir o senso de classe, etnia, raça, nacionalidade e sexualidade (KELLNER, 2001). Assim, a exposição à mídia dominante, e sua prevalência como fonte de informação, nutre, refaz e confirma os valores e perspectivas da sociedade (GERBNER et al., 1986). Segundo Gerbner et al. (1986), a sub-representação de

certos grupos pode levar os espectadores à percepção de que essas pessoas também não estão tão presentes na sociedade. Em alguns casos, onde esses grupos são majoritários em número (mas não em representação, como é o caso das mulheres), pode se criar a suposição de um papel social inferior desses indivíduos (GERBNER et al., 1986). Para os membros dessas categorias, a marginalização também na mídia pode vir a causar um fenômeno de “ressonância”, onde as imagens midiáticas somadas às experiências do dia-a-dia oferecem uma “dose dupla” das mensagens negativas (GERBNER et al., 1986). Por isso, é importante a criação de filmes e programas de televisão que se afastam positivamente das imagens reproduzidas pela mídia *mainstream*. As representações menos homogêneas e repetitivas levam ao aprendizado menos previsível e condensado (GERBNER, 1998), pois fornece mais variedade de materiais e perspectivas, não só aquelas já perpetuadas pela sociedade.

A importância de animações que irão representar grupos que normalmente não são vistos em outros programas pode não ser compreendida por aqueles que são universalmente contemplados. Se ver representado por um ou mais personagens escritos de forma positiva e agradável, que não passem para o mundo informações erradas a respeito de suas identidades, é uma experiência que todas as pessoas LGBTI+ deveriam poder vivenciar. Isso porém não acontece, e essas pessoas, principalmente os jovens que estão questionando suas identidades, são obrigados a aceitar as imagens quase sempre sexualizadas e muitas vezes trágicas que os filmes e séries oferecem para este tipo específico de público. A verdade é que, na maioria das vezes, personagens LGBTI+ são escritos para causar impacto na mídia dominante, e são mortos nas mídias alternativas para causar comoção em seus espectadores. E a sexualização, aqui tida exclusivamente para as personagens lésbicas, é adicionada tendo como público-alvo os homens heterossexuais, que vão se sentir atraídos por essas imagens, ao invés de serem feitas para as mulheres homossexuais, em um fenômeno que chamamos de *male gaze*. O *male gaze* (do inglês “contemplação masculina”), é quando, nas artes visuais, o mundo é representado do ponto de vista masculino, feito para ser visto por homens heterossexuais, como se as mulheres fossem objetos para serem contemplados (AMERICAN HERITAGE DICTIONARY, 2018c). Isso tudo pouco ajuda os jovens que sentem necessidade de se verem representados.

Enquanto na série *Steven Universo* vemos uma ampla representatividade feminina e homossexual, mostrando figuras bem visuais a respeito das mensagens do que quer passar, podemos perceber que os conceitos vão além disso. As relações entre os personagens é o que os tornam mais humanizados, apesar de muitos deles nem serem humanos. Isso contribui para a criação de empatia e conexão com o público, que finalmente tem algo em que se espelhar. Se tudo que se assiste ao crescer são filmes e séries dramáticas que revelam apenas uma dimensão dos personagens LGBTI+, que não os definem para além de suas identidades, é difícil criar um senso de comunidade e sentir-se contemplado pelo conteúdo. Uma série infantil com este tipo de abordagem é inovadora, pois traz essa temática para um público mais jovem que não vai precisar buscar por representatividade em programas que podem fazer com que vejam suas próprias identidades de forma negativa, fazendo com que desenvolvam problemas de autoestima e até sintam vergonha de serem quem são.

Por fim, *Steven Universo*, juntamente com outros programas infantis que já vem diversificando as imagens dominantes, oferece representações positivas de super-heroínas, de personagens homossexuais (e super-heroínas homossexuais), modelos de família que extrapolam a visão nuclear e tradicional, assim como apresenta mensagens a respeito de assédio e consentimento. Essas imagens podem ajudar na valorização de experiências e identidades. Apesar de este ser um estudo de um programa televisivo transmitido por um canal pago, o que torna limitado o conteúdo, é importante considerar que nos dias atuais os espectadores se utilizam de diversos meios *online* para acessar essas informações. Também deve-se levar em consideração que esta é uma análise de conteúdo qualitativa, de base teórica apenas, e não dispensa uma pesquisa com o público para averiguar os reais impactos de cada uma das manifestações apresentadas. Além da sugestão de se pesquisar o objeto de estudo juntamente com o público, outra possibilidade seria comparar o conteúdo da série a outras animações do mesmo canal e de outros, com a finalidade de investigar se séries distintas também se mostram promissoras no que diz respeito a representatividade de gênero e sexualidades. É de se esperar que, futuramente, os criadores venham se conscientizando e criando conteúdos com cada vez mais representatividade para que mais pessoas possam se sentir mais representadas e/ou aprender com o que assistem nas mídias televisivas.

5. REFERÊNCIAS

AINSWORTH, Claire. **Sex Redefined**. Nature. Hampshire: Macmillan Publishers Limited, 2015.

AMERICAN HERITAGE DICTIONARY. 5th ed. Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company. 2018a. Disponível em: <<https://ahdictionary.com/word/search.html?q=tokenism>>. Acesso em: 09 set. 2018.

AMERICAN HERITAGE DICTIONARY. 5th ed. Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company. 2018b. Disponível em: <<https://ahdictionary.com/word/search.html?q=harassment>>. Acesso em: 24 out. 2018.

BAKER, Kaysee; RANEY, Arthur A.. **Equally Super?: Gender-Role Stereotyping of Superheroes in Children's Animated Programs**. Mass Communication and Society. Tallahassee: Routledge, 2007.

BEHM-MORAWITZ, Elizabeth; MASTRO, Dana. **The Effects of the Sexualization of Female Video Game Characters on Gender Stereotyping and Female Self-Concept**. Sex Roles. Columbia: Springer Science, 2009.

BLACKLESS, Melanie et al. **How Sexually Dimorphic Are We? Review and Synthesis**. American Journal of Human Biology. Providence: Wiley-liss Inc., 2000.

BRASIL. **Decreto-Lei no 2.848**, de 7 de Dezembro de 1940. Código Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em: 23 out. 2018.

BRASIL. **Decreto-lei Nº 3.688**, de 3 de Outubro de 1941. Lei das Contravenções Penais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3688.htm>. Acesso em: 23 out. 2018.

BRASIL. **Lei no 13.718**, de 24 de Setembro de 2018. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm#art1>. Acesso em: 23 out. 2018.

BROWN, Tracy. **'Steven Universe's' Rebecca Sugar confirms Fluorite is a representation of a polyamorous relationship**. 2017. Disponível em: <<http://www.latimes.com/entertainment/la-et-comic-con-2017-steven-universe-rebecca-sugar-fluorite-1500664224-htmlstory.html#>>. Acesso em: 02 out. 2018.

CALDWELL, Michael. **The Occurrences, References and Projected Attitudes About LGBT Lifestyles in Children's Media: A Content Analysis of Animated Films**. 2014. 44 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Portland State University, Portland, 2014.

CHAMBERS, Samuel A. **The Queer Politics of Television**. London: I.b. Tauris Publishers, 2009.

CHUNG, Sheng Kuan. **Media Literacy Art Education: Deconstructing Lesbian and Gay Stereotypes in the Media**. The International Journal of Art & Design Education. UK: Nsead/blackwell Publishing, 2007.

COLLIER, Noelle R.; LUMADUE, Christine A.; WOOTEN, H. Ray. **Buffy the Vampire Slayer and Xena: Warrior Princess: Reception of the Texts by a Sample of Lesbian Fans and Web Site Users**. Journal of Homosexuality. Texas: Routledge, 2009.

COSTA, Paula Regina Ribeiro; SOUZA, Diogo Onofre. **Falando Com Professoras Das Séries Iniciais Do Ensino Fundamental Sobre Sexualidade Na Sala De Aula: A Presença Do Discurso Biológico.** Enseñanza de las Ciencias. Porto Alegre: Educação Editora, 2003.

GERBNER, George. **Cultivation Analysis: An Overview.** Mass Communication and Society. Philadelphia: Routledge, 1998.

GERBNER, George et al. **Living with Television: The Dynamics of the Cultivation Process.** *in* Perspectives on Media Effects. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1986.

CRAIG, Shelley L. et al. **Media: A Catalyst for Resilience in Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer Youth.** Journal of LGBT Youth. Toronto: Routledge, 2015

DAVIDSON, Emily S.; YASUNA, Amy; TOWER, Alan. **The Effects of Television Cartoons on Sex-Role Stereotyping in Young Girls.** Child Development. Nashville: Wiley, 1979.

DENNIS, Jeffery P.. **The Boy Who Would Be Queen: Hints and Closets on Children's Television.** Journal of Homosexuality. New York: Routledge, 2009.

DOTY, Alexander. **Making Things Perfectly Queer: Interpreting Mass Culture.** Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1993.

DOUBLEDAY, Catherine N.; DROEGE, Kristin L. **Cognitive Developmental Influences on Children's Understanding of Television** *in* Children and Television: Images in a Changing Sociocultural World. 1 ed. London: SAGE Publications. 1993.

EISENSTOCK, Barbara. **Sex-Role Differences in Children's Identification with Counterstereotypical Televised Portrayals.** Sex Roles, Vol. 10. California: Plenum Publishing Corporation, 1984.

EVANS, Victor D.. **Curved TV: The Impact of Televisual Images on Gay Youth.** American Communication Journal. Taos: American Communication Association, 2007.

FORASTIERI, Valter. **História Da Ciência E A Diversidade De Orientações Sexuais: natureza, cultura e determinismo.** Candombá. Salvador: Unijorge, 2005.

GARRETSON, Jeremiah J. **Does change in minority and women's representation on television matter?: a 30-year study of television portrayals and social tolerance.** Politics, Groups, and Identities. New York: Western Political Science Association, 2015.

GÖKÇEARSLAN, Armagan. **The effect of cartoon movies on children's gender development.** Procedia Social and Behavioral Sciences. Ankara: Elsevier, 2010.

GOLDBERG, Stephanie. **TV can boost self-esteem of white boys, study says.** 2012. CNN - Cable News Network. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2012/06/01/showbiz/tv/tv-kids-self-esteem/index.html>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

GRAUERHOLZ, Elizabeth; KING, Amy. **Prime Time Sexual Harassment.** Violence Against Women. West Lafayette: Sage Publications, 1997.

GROSS, Larry. **Out of the Mainstream: Sexual Minorities and the Mass Media.** Gay people, sex and the media. Pennsylvania: The Haworth Press, 1991.

HAMER, Dean H. et al. **A Linkage Between DNA Markers on the X Chromosome and Male Sexual Orientation.** Science. Bethesda: AAAS, 1993.

HAPKIEWICZ, Walter G.. **Children's reactions to cartoon violence.** Journal Of Cuncial Child Psychology. Michigan: American Psychological Association, 1979.

HEGARTY, Peter; PRATTO, Felicia. **Sexual Orientation Beliefs: Their Relationship to Anti-Gay Attitudes and Biological Determinist Arguments.** Journal of Homosexuality. Stanford: Routledge, 2001.

HORTON, Donald; WOHL, R. Richard. **Mass Communication and Para-Social Interaction: Observations on Intimacy at a Distance.** Psychiatry. Interpersonal and Biological Processes, 1956.

HURM, Eric. **Steven Universe censorship undermines Cartoon Network's LGBTQ progress.** 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/tv-and-radio/tvandradioblog/2016/jan/12/steven-universe-censorship-cartoon-networks-lgbtq>>. Acesso em: 01 out. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal 2015.** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Rio de Janeiro: Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais, 2016.

ISELY, Erin. **Misogyny Man: Sexism in the Superhero Genre.** Sophomore Research Conference. Elizabethton: Mcstor, 2015.

JOHNSON, Joshua. **The Mind Behind America's Most Empathetic Cartoon.** The 1A, 09 jul. 2018. Podcast (47 min). Disponível em: <<https://the1a.org/audio/#/shows/2018-07-09/the-mind-behind-americas-most-empathetic-cartoon/114886/>>. Acesso em: 30 set. 2018.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia.** Bauru, SP: Edusc, 2001

KIELWASSER, Alfred P.; WOLF, Michelle A.. **Mainstream Television, Adolescent Homosexuality, And Significant Silence.** Critical Studies in Mass Communication. San Francisco: Routledge, 1992.

LEVAY, Simon. **A Difference in Hypothalamic Structure between Heterosexual and Homosexual Men.** Science. San Diego: AAAS, 1991.

LIPPMAN, Julia R.. **I Did It Because I Never Stopped Loving You: The Effects of Media Portrayals of Persistent Pursuit on Beliefs About Stalking.** Communication Research. Ann Arbor: Sage Publications, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação.** 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LÜBKE, Katrin; SCHABLITZKY, Sylvia; PAUSE, Bettina M.. **Male Sexual Orientation Affects Sensitivity to Androstenone.** Chemosensory Perception. Duesseldorf: Springer Science, 2009.

MARTIN, Rebecca. **Gender and Emotion Stereotypes in Children's Television.** Journal of Broadcasting & Electronic Media. Brookings: Broadcast Education Association, 2017.

MARTINS, Nicole; HARRISON, Kristen. **Racial and Gender Differences in the Relationship Between Children's Television Use and Self-Esteem: A Longitudinal Panel.** Communication Research. Bloomington: Sage Publications Inc, 2011.

MOORE, Keith L.; PERSAUD, T.V.N.; TORCHIA, Mark G.. **The Developing Human: Clinically Oriented Embryology.** 10. ed. Philadelphia: Elsevier, Inc, 2016.

MURRAY, John P. **The Developing Child in a Multimedia Society.** *in* Children and Television: Images in a Changing Sociocultural World. 1 ed. London: SAGE Publications. 1993.

ODININO, Juliane di Paula Queiroz. **“Super-Meninas em: o poder do rosa!?!” Por uma compreensão das feminilidades infantis a partir dos estudos de mídia, gênero e infância.** Perspectiva. Florianópolis: Editora Ufsc, 2015.

PARANHOS, Kátia Santos de Abreu. **Uma proposta de ensino do tema diversidade sexual para o Ensino Médio à luz da Síntese Evolutiva Estendida.**

2017. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Biológicas, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Cap. 1.

PENNELL, Hillary; BEHM-MORAWITZ, Elizabeth. **The Empowering (Super) Heroine? The Effects of Sexualized Female Characters in Superhero Films on Women.** Sex Roles. New York: Springer Science, 2015.

PURVES, Dale et al. **NEUROSCIENCE.** 6. ed. New York: Oxford University Press, 2018.

REMAFEDI, Gary. **Study Group Report on The Impact Of Television Portrayals Of Gender Roles On Youth.** Journal Of Adolescent Health Care. New York: Elsevier Science Publishing, 1990.

RICE, George et al. **Male Homosexuality: Absence of Linkage to Microsatellite Markers at Xq28.** Science. City Of London, Canada: AAAS, 1999.

ROMANO, Nick. **Steven Universe Creator Has Done More For Lgbtq Visibility Than You Might Know.** 2018. Disponível em: <https://ew.com/tv/2018/08/13/steven-universe-rebecca-sugar-lgbtq-cartoons/amp/?__twitter_impression=true>. Acesso em: 29 set. 2018.

ROUGHGARDEN, Joan. **Evolution's Rainbow: Diversity, Gender, and Sexuality in Nature and People.** Berkeley, Los Angeles and London: University Of California Press, 2004.

SIGNORIELLI; Nancy. **Children, Television, and Gender: Messages and Impact.** Society for Adolescent Medicine. New York: Elsevier Science Publishing, 1990.

SILVA, Tânia Cristina do Ramo; GOMES, Ana Claudia Fernandes. **A Importância Dos Desenhos Animados Como Representação Ideológica: Formação Da Identidade Infantil.** Iniciação Científica Cesumar. Guarulhos: Unicesumar, 2009.

SPANIER, Bonnie. **Biological Determinism and Homosexuality**. NWSA Journal. Albany: The Johns Hopkins University Press, 1995.

STABILE, Carol. **“Sweetheart, This Ain't Gender Studies”: Sexism and Superheroes**. Communication and Critical/Cultural Studies. Eugene: Routledge, 2009.

STEINER, Linda; FEJES, Fred; PETRICH, Kevin. **Invisibility, Homophobia And Heterosexism: Lesbians, Gays And The Media**. Critical Studies in Mass Communication Boca Raton: Routledge, 1993.

STREICHER, Helen White. **The Girls in the Cartoons**. Journal of Communication. Chicago: International Communication Association, 1974.

SUGAR, Rebecca. **Steven Universe: A Guide to The Crystal Gems**. Cartoon Network Books. 2015.

THOMPSON, Teresa L.; ZERBINOS, Eugenia. **Gender Roles in Animated Cartoons: Has the Picture Changed in 20 Years?** Sex Roles, Vol. 32. Dayton: Plenum Publishing Corporation, 1995.

TOWBIN, Mia Adessa et al. **Images of Gender, Race, Age, and Sexual Orientation in Disney Feature-Length Animated Films**. Journal of Feminist Family Therapy. Fort Collins: The Haworth Press, 2003.

TV Guidelines. **The TV Parental Guidelines**. [200-]. Disponível em: <<http://www.tvguidelines.org/ratings.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

WAY, Niobe et al. **“It Might Be Nice to Be a Girl... Then You Wouldn't Have to Be Emotionless”: Boys' Resistance to Norm**. Psychology of Men & Masculinity. New York: American Psychological Association, 2014.

WOERNER, Meredith. **Steven Universe Guidebook Spills The Secrets Of The Crystal Gems**. 2015. Disponível em: <<https://io9.gizmodo.com/steven-universe-guidebook-spills-the-secrets-of-the-cry-1704470546>>. Acesso em: 13 set. 2018.

SZEZECINSKI, Ana Caroline; ALMEIDA, Gabriela Machado Ramos. **A cultura da mídia como espaço de disputa por diversidade e representações positivas: o apelo feminista das séries Supergirl e Agente Carter**. Canoas, RS: Intercom, 2017.

Anexo 1 - Lista de Episódios Utilizados Durante o Estudo Separados por Categoria.

Transgressão de Estereótipos de Gênero

T01E10 - Leão de Steven
T01E12 - Mulher Gigante
T01E52 - Libertador
T02E05 - Juramento à Espada
T02E16 - Canção da Sadie
T02E23 - Aniversário do Steven
T03E01 - Super Ilha Melância
T03E02 - Broca de Gems
T04E04 - Educação de Consciência
T05E12 - Lua Selva

Sexualidade

T01E30 - Aventura na Ilha
T01E45 - A Espada de Rose
T01E52 - Libertador
T02E03 - Cartas de Amor
T02E07 - Ficando Juntas
T02E08 - Temos Que Conversar
T02E11 - Motel Keystone
T02E20 - Longe Demais
T02E21 - A Resposta
T02E25 - Diário de Bordo 7 15 2
T03E05 - Tacada Certeira
T03E08 - Senhor Greg
T04E06 - Última a Sair de Beach City
T04E08/09 - Colheita de Gem
T04E14 - O Zoológico
T05E01 - Presos Juntos
T05E03 - Descoloridas

T05E21 - A Pergunta

T05E23/24 - Reunidos

Assédio

T01E37 - Juntos e Sozinhos

T02E07 - Ficando Juntas

T03E11 - Corrida em Beach City

T05E10 - Festa do Kevin

Família

T01E32 - Jantar em Família

T02E09 - Chille Tid

T04E08/09 - Colheita de Gem